ANO 9.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1930 N.º 2700

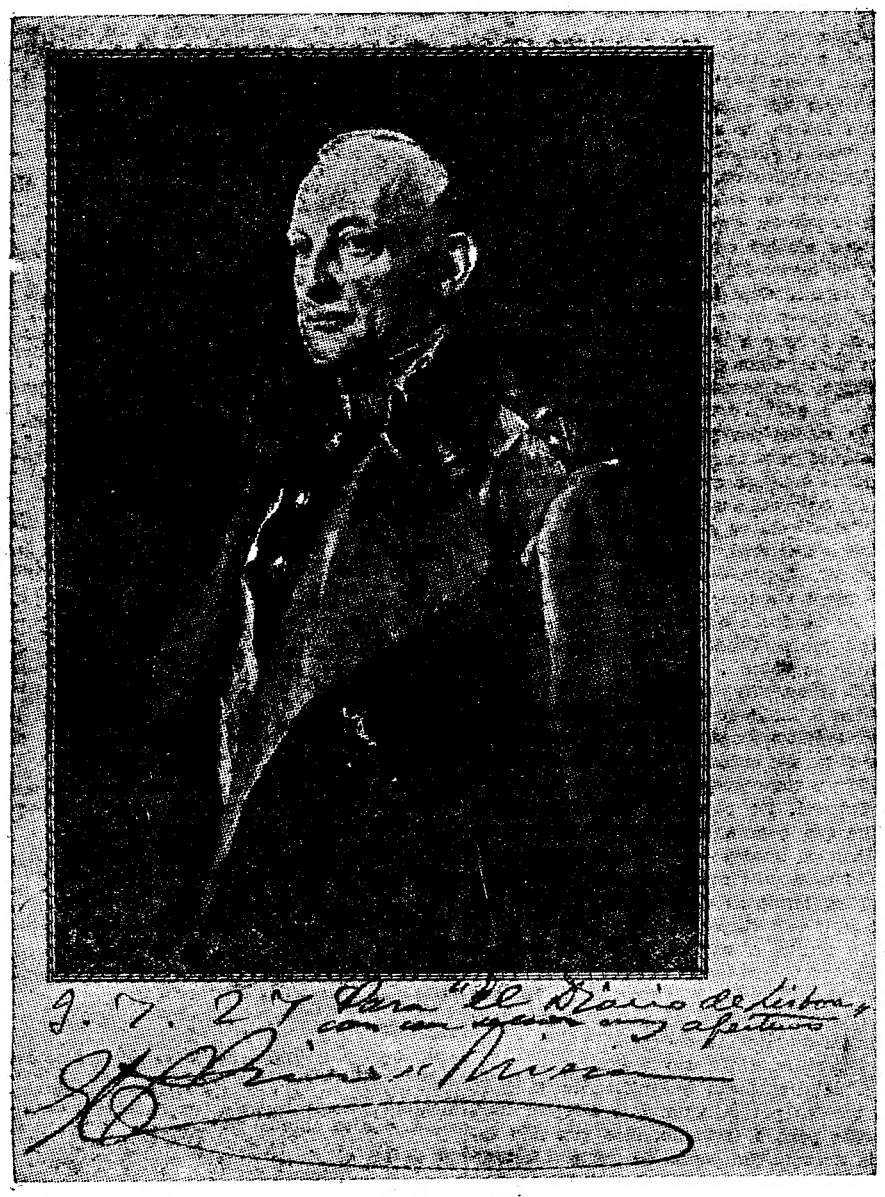
Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O GENERAL PRIMO DE RIVERA

UM DITADOR

Primo de Rivera

e a sua acção na politica espanhola

Primo de Rivera que ontem, pelas 10 horas da manhã, expirou em Paris, era um espanhol de grande raça—amavel, finamente educado, bravo e decidido, gentil e simpatico. Profundamente catolico: olhava para a outra vida com a certeza inabalavel de que as injustiças do mundo se corrigem, junto de Deus.

Quando a ideia duma ditadura começou a tornar-se proxima e familiar, apareceu um nome indicado para a realizar — o general Aguilera. Uma tempestade que se ergueu no Senado e que ele não soube afrontar, com pleno aprumo, passou-o ao numero dos esquecidos.

Tempos depois, Primo de Rivera entrava em scena, afugentando os velhos politicos duma politica decrepita que não sabia renovar-se, pondo ao serviço da democracia—isenção, energia, prudencia no mandar e firmeza no executar.

Estivemos em Madrid, dois dias depois de implantada a ditadura, e falámos ácêrca do memoravel acontecimento com homens que tinham uma opinião e podiam manifesta-la. Nenhum deles teve a coragem de defender claramente—sem reticencias, portanto—o estado de coisas que as espadas haviam derrocado.

—E agora... que vai seguir-se? inquirimos nós uma e outra vez, em busca de uma resposta que traduzisse ao menos uma visão profetica. Fraca colheita: apreensões, entusiasmos espumosos, manifestações de fé nos destinos da Espanha, a crença de que o exercito que se batia em Marrocos saberia honrar-se tambem na metropole.

No Ministerio da Guerra, conversámos com Primo de Rivera que, apesar de fatigado, escolheu uma hora limpida, pulcra, iluminada pelo sol nascente, para nos dizer:

— Estou aqui para emendar o passado e preparar o futuro! Os êrros dos homens é que me chamaram, e só me irei embora, quando tenha realizado o meu programa.

A sua queda, prologo da sua morte, não nos surpreendeu, como não nos causara espanto o seu grito de revolta em Barcelona. Ortega y Gasset, a quem ouvimos com a atenção que merece o seu rutilo conhecimento da Europa em geral e da Espanha em especial, sem alterar a voz, explicou-nos:

— No meu país ha um sentido social da vida que as lutas partidarias e parlamentares desconheceram. Esta ditadura surge como uma esperança ou como um desespero? Sigamos a marcha dos acontecimentos que breve nos esclarecerão. Mas convem não perder de vista que, mesmo não entrando na guerra, a minha patria não escapa aos formidaveis problemas que ela plantou... Os generais que agora se apoderaram do poder hão de convencer-se que estão em campanha.

Estas palavras impressionaram-nos e ainda agora as recordamos, tanto mais que elas vinham confirmar pontos de vista nossos que já nos haviam guiado na interpretação a dar ao fascismo e á acção de Mussolini.

Em Portugal e por toda a terra onde rompem inquietações e aspirações, ninguem ignora que existe um enorme desequilibrio entre o que cada um crê ou espera e o que a vida lhe dá como compensação.

Ha fé no porvir e desolação no presente.

Os velhos, os que são verdadeiramente velhos, porque ancoraram numa ilusão que julgaram eterna, não obstante ela estar murcha e desfeita, imaginam que o mundo se orienta e caminha, segundo a sua sciencia empoeirada ou extinta. Não: os povos avançam, contrapondo os berços aos sepulcros, as ideias novas e fecundas aos êrros encanecidos.

Peguemos num jornal e que nos ensina ele sôbre o larguissimo e humanissimo espectaculo das cousas terrestres? Lutas, lutas e lutas—por toda a parte. A crueldade ceva as mãos em sangue e os seus olhos, como os de Lady Macbeth, embebem-se no terror e no crime. Se dessemos ouvidos aos que são incapazes de reagir contra a tirania do mal, o nosso dever seria submetermo-nos, desertando, consentindo covardemente que as ruinas caissem sôbre os inocentes e os culpados. Não ha de ser assim: acima de tudo, o homem conserva a sua nobresa. A mocidade recusa-se a pactuar com os que receiam trabalhar. Volta as costas ás estradas percorridas pelos sonhos estereis e anima-se, com os olhos postos, além das fraquezas e miserias em que caímos:

— A'vante pelo nosso triunfo!

Primo de Rivera em Espanha traduziu uma impaciencia e uma febre mais fundas que os discursos de qualquer patuleia de ambiciosos. Essa impaciencia e essa febre sobreviveram á sua demissão.

Para onde correm elas?

A sua fortuna depende do valor, da inteligencia e do idealismo da juventude — a que produz e a que pensa. Onde os jovens se trasviam, as nações perdem a noção do seu orgulho e até da sua existencia. Primo de Rivera propoz-se ser um timoneiro, a fim de galgar, nalguns anos, os desvarios de uma epoca. Venceu ou foi vencido?

Os seus labios serraram-se e na fria paz da morte ele aguardará a revelação do enigma.

Assente-se, porém, nisto: Portugal, a Espanha e tantissimas nações atravessam um periodo de ensaios e experiencias, propicio a aspirações salutares e tambem a amarguras. Ninguem se julgue mais sabio ou mais forte, a não ser quando a sua consciencia, duramente provada, lhe segrede:

— Sê deshumano para contigo e afavel para com os outros.

O optimismo dos que se miram complacentemente, na cegueira ilusoria do seu merito e do seu talento, supondo que o sol segue os seus passos, cuidado com ele! Ha um pessimismo, ao mesmo tempo acre e saboroso, escuro e luminoso, que determina a tempera dos espiritos e dos corações. E' preferivel sofrer com a verdade que deliciar-se com a mentira...

Entre nós—saiba-se isto—ha uma ou duas gerações que não pensam como os portugueses de ha vinte ou trint'anos. As suas crenças e as suas descrenças são diversas das dos seus pais. A propria alma da nação não palpita só em Lisboa, porque vai animando os vales e as serras, os grandes e os humildes. Oferecer ás turbas frases sem sentido, em vez de promessas realizaveis, pertence ao numero dos sarcasmos que se não toleram.

A ignorancia pretenciosa, a retorica apta para achar soluções universais e maravilhas salvadoras, é necessario enterra-la, em intermino esquecimento. Ao povo deve-se-lhe a verdade: — diga-se-lhe só a verdade! A juventude que tome cautela com os fabricadores de milagres e de elixires. Se os charlatães não tivessem uma intervenção tão facil na mística do país, certos palacios não fariam sombra ás chupanas.

A mentalidade que se deixa envelhecer é como a casa que se cobre de musgo e de pó.

E abundam os cerebros decrepitos, repizando pensamentos que já andaram na bagagem dos bravos do Mindelo!

A Patria e a Republica pedem gente nova, ideias novas, dedicações novas! Não obriguemos a vida a inverter as suas leis, a fim de que os fantasmas indaguem como Pilatos:—Que é a verdade?

Um português de lei, com o peito a arder, responde logo:

— A verdade é a certesa de que Portugal se educa e se civiliza, sem renegar o que foi nem hesitar, perante o que ha de ser, no futuro.

Estamos a forjar um novo arado para semear e fecundar a gleba dos avós. Cada qual ao seu posto e ao seu amôr.

A Europa inteira encontra-se na fase das tentativas: outros desejos e outras satisfações. As ditaduras não nasceram das divagações dos poetas. Manifestaram-se no momento proprio. Saibamos nós todos levantar com os nossos braços a ponte que as tornará dispensaveis.

JOAQUIM MANSO

Radiotonia

Programas escolhidos

PARA ESTA NOITE, pela sua modelar organização, cumpre-nos recomendar a emissão de **Radio-Paris** (1.725 m.), a partir das

18.30: Musica de dança.
19.15: O dia economiço e social. Informações.
19.30: Circo Radio-Paris.
20.00: Radio-concêrto: «O Matrimonio secreto» (Cimarosa); «Voltai, amores» (Luly); Aria de «Castor e Pollux» (Rameau); «Suite Bergamasque» (Debussy).
20.30: O dia desportivo. A cronica dos sete: Titayna.
20.45: «Rapsodia Norueguesa» (Lalo); «Divertimentos» (Massenet).
21.15: Revista da imprensa da tarde. Sinal horario.
21.30: «La Giaour», suite de orquestra (Delmas); «Ma Mere L'Oye» (Ravel).
22.00: Transmissão do Grosvenor House Hotel.

Além desta, recomendamos as seguintes emissões estrangeiras:

A's 18.00, em **Viena** (517 m.), musica de camara: «Terceto em dó maior», de Springer.
A's 19.00, em **Langerberg** (473 m.), concêrto: «Epianeleia» (Frickhoeffer), «Hino á vida» (Unger), «Sinfonia em si maior» (Bruckner).
A's 19.30, em **Turim** (292 m.), «O Tzarevitch», opereta em 3actos,de de Franz Lehar.
A's 20.00, em **Roma** (441 m.), «Iris», opera em 3 actos, de Mascagni.
A's 20.25, em **Toulose** (381 m.), orquestra vienense.—A's 21.00, melodias de Dilse, Warne, Penso, Hermit, Linke, Luly, Scarlati, etc.
A's 21.00, em **National** (Daventry 5 X X, 1.554,4 m., e **Londres 2 L O**, 261,3 m.), concêrto transmitido do Park Lane Hotel.—Em **Midland Regional** (Daventry 5 G B, 479.2 m.), concêrto dirigido por Richard Wassell.— Em **Londres Regional** (356.3 m.), concêrto dirigido por E. H. Morrison.
A's 21.55, em **Oslo** (45 m.), partida dum vapor do porto de Oslo. A's 22.00 descrição dos restaurantes de Oslo, com musica de dança.

ENCERADORA

Encarrega-se de aplainar, raspar, polir e encerar soalhos, mobilias, lambrins, oleados, portas, alizares, etc.

Modificam soalhos de taboa larga para estreita (sistema inglez) e executam todos os trabalhos com pessoal devidamente habilitado em qualquer ponto do País, enviando orçamentos gratis.

Preços modicos

47-E, Avenida da Republica, 47-F

Telefone N. 5915 LISBOA

Sortes grandes ?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

BOLSA DE LISBOA

17 de Março
CONTADO

VALORES	Efectuado	Vendedor	Comprad.
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O.	894$00	893$50	894$00
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	934$00	934$00	936$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	935$00	—
P. Ext. 3 0/0 3.ª série...	1.025$00	1.025$00	1.027$00
Banco Com. de Lisboa.	—	—	505$00
Banco Lisboa & Açôres	475$00	470$00	480$00
Banco de Portugal.....	1.008$00	—	1.012$00
Banco Port. e Brasileiro	—	108$00	110$00
C.ª O. F. de Benguela	—	1.545$00	1.550$00
C.ª C. F. N. L. 3 0/0 2.ª g.	—	69$00	70$00
C.ª das Aguas de Lisboa	263$00	260$00	—
C.ª Gaz e Electric., cou.	285$00	281$00	287$00
Soc. Industrial Aliança	191$50	190$50	192$00
C.ª Portugal e Colonias	116$00	115$50	116$00
C.ª Nac. de Navegação	279$50	279$00	280$00
C.ª Tabacos de Portug.	533$00	532$00	534$00
C.ª Portug. de Tabacos	—	373$00	374$00
The Match Tobacco T. S. C.ª.....	92$00	91$50	92$40
A. Tabaqueira.....	—	497$00	500$00
J.ª Ambolm.....	123$00	123$00	124$00
C.ª Col. Buzi 1.ª emissão	71$00	71$00	71$50
C.ª Col. Buzi 2.ª emissão	—	69$00	70$00
C.ª de Seguros Sagres...	1.500$00	1.500$00	1.550$00
C.ª de Seguros Mundial	—	—	—
C.ª Ilha do Principe...	375$00	373$00	375$00

CAMBIOS

NOTAS ESTRANGEIRAS

PRAÇA	Compra	Venda
Londres	108$00	108$50
Paris	$86,9	$87,4
Madrid	2$74	2$81
New-York	22$10	22$30
Zurich	4$23	4$33
Roma	1$10	1$18
Bruxelas	3$08	3$12
Amsterdão	8$90	8$98
Berlim	5$30	5$35
Praga	—	—
Rio de Janeiro	2$30	2$40

HEITOR CANAVARRO

O PRIMEIRO PORTUGUEZ
domador de feras

Chama-se Heitor Canavarro; é filho do falecido livreiro da Rua de S. Paulo, Julio Canavarro; passou a meninice a desarrumar as prateleiras da loja paterna, sofrego de leituras emocionantes de viagens aventuorosas — e embarcou em 1914, na terceira classe do «Portugal» com rumo a Moçambique. Tinha então 18 anos — e era franzino, estreito de ombros e concavo de peito. Tem hoje 34 anos e a vida rija e mourejada que levou, encorpou-o, dilatando-lhe o torax e dando-lhe curvas viris a musculatura que se salienta sob o *pullover* com que me recebe.

— Levava o pão garantido — declarou-me. O meu pobre pai conseguira empregar-me nos escritorios duma roça — a roça «Boa Hora», do sr. Coelho Ramos, L.da — fronteiriça á Africa Inglesa. O entusiasmo com que me projectei nesse começo de vida — dava aos meus o convencimento que eu nascera para burocrata — e que as minhas ambições não trepavam a mais do sonho de um peculio, após dez anos de *deve* e *haver*, com algumas febres á mistura. A minha alegriá ao partir, vinha das ilusões que acalentava de poder assemelhar-me, naquelas terras, aos aventureiros dos livros que lêra em menino...

Heitor Canavarro pouco tempo se conservou na existencia calma dos escritorios. A sua paixão era a caça — e os seus chefes, fartos de lhe perdoarem desersões á banca, resolveram dar-lhe férias por toda a vida, despedindo-o. Ele tinha amigos do lado de lá da fronteira...

— Fiz um pouco de tudo — confessa o meu entrevistado. Trabalhei nas minas, fui condutor de electricos em Cap-Town, *chauffeur* de taxi em Johnsburg; atrelei-me a varias caravanas — até conseguir o *zenith* da minha ventura. Ser profissional da caça, contractado por um caçador por tal forma industrializado que fazia contabilidade e viajava com uma «caixa», «contas-correntes» e razão «»...

Durante quinze anos Heitor Canavarro não sentiu saudades da patria. A ideia de passar uma temporada em Portugal nasceu-lhe, simultaneamente, á de se fazer domador. Casado com uma senhora de origem alemã e dispondo de algumas economias, passava os intervalos das montarias, numa pequena propriedade dos arredores de Debryville. Coleccionava nessa propriedade algumas recordações vivas das suas aventuras de caçador. Era seu comensal, nesse domingo decisivo para o seu futuro, um antigo empresario de circo e actualmente exportador de animais com destino ás *manegeries* da Europa e America. Falou-se de Portugal e falou-se dos *cachets* quantiosos que ganham alguns domadores.

Nessa noite—não conseguia conciliar-me com o sono. Passei-a a sonhar... acordado. Evocava as *matinées* do Coliseu e sentia, como se fossem recentes, as vibrações dos meus nervos, ante as chicotadas e os tiros de polvora dos domadores... Parecia ouvir o estralejar dos aplausos... Parecia vêr as jaulas, o belo espectaculo decorativo e colorido dos tigres; banhados de luz electrica—e o uniforme vistoso do artista domando as féras... Tudo isto é infantil, bem sei—mas na manhã seguinte, ao levantar-me resolvi mudar de vida...

* * *

Heitor Canavarro — já o disse — é um môço forte, um belo Apolo, moreno como convém a um português — dum moreno ardido e baço, como convém a um homem que viveu 16 anos sôbre as forjas de Satanaz, em terras de Africa. A sua chegada a Portugal, a sua estranha bagagem e a sua instalação numa quintarola, passado o Lumiar, foram-me reveladas por um visinho e amigo, o sr. Lemos Ferreira, comerciante do Rossio. Apresentei-me ao futuro domador, sem credenciais e ele, sem preciosismos, ofereceu-me materia prima para um artigo, ao mesmo tempo que me exibia, nas jaulas enfileiradas na frente, os animais da sua colecção. Dois leões, quatro tigres e duas panteras.

—Apenas tive de comprar as panteras.— informa-me. Os leões e os tigres possuo-os desde pequenos. Um dos leões — o «Rajah» —nasceu mesmo em minha casa...

—Teve muita dificuldades em os dominar?

— Pouca... Com as feras—deixo falar os fantasistas—pode-se conquistar-lhes a amisade ou mesmo a benovolencia, mas só pelo terror se mantem o respeito. Um pouco de confiança, um excesso de ternura—um descuido — e adeus dominio. Uma exteriorização de medo—por muito vaga que seja—é o bastante para se quebrar o encanto. Todo o segrêdo consiste em convencer os animais que somos mais ferozes do que eles e que, se quizessemos, os devoravamos... E' preciso mesmo ser cruel. Uma vez que o Rajah esboçou um ataque — sabe Deus com que esfôrço ocultei a ideia da morte! — fechei-me com ele na jaula e estive a castigá-lo duas horas seguidas. Desde então tornou-se o mais humilde de todos...

— Já se estreou como artista?

— Ah! Não. Quero apresentar-me com trabalhos inéditos e não é em meses que se consegue obter dos animais o hábito do trabalho.

— Pensa começar por Lisboa?

—Talvez... De todos os modos estou já em ligação com a maior agencia de circo dos Estados Unidos — tendo assegurado contractos para três anos, num total de 1.000 exibições, sendo as mais baratas de 300 dolares cada — e viagens pagas.

—E' muito o capital empatado para a criação do seu numero?

— Todas as minhas economias... Ha um ano que não ganho e só gasto. As panteras custaram-me quinze contos...

— E a alimentação das feras...

—E' relativamente insignificante. Compro três cavalos por semana, que estejam inutilizados para o trabalho, mas que não tenham doença. Um pouco de carne infectada bastaria par me causar sérios prejuizos. Ora os cavalos estropeados custam, em média, 30 a 40 escudos... Já vê... Mas é preciso material, reclme e... Ms eu mostro-lhe...

Acompnhei-o até casa, onde me foram exibidos os cartazes — duma litografia berrante, á *frission*. Mas Heitor Canavarro quere que eu veja outra coisa... Leva-me até junto do guarda-fato — e, ao abri-lo, os olhos ganham brilho e escarlatam-se-lhe as faces. E' a farda com que ele se ha-de mostrar em publico, castigando as féras e tiroteando espectaculosamente a pistola; uma farda azul, com alamares dourados, o talisman dos seus sonhos de criança e de todos nós, quando, em pequenos, vimos com inveja o primeiro domador numa *matinée do Coliseu*...

REPORTER X

SE TENCIONA COMPRAR UMA CAMIONETTE E DESEJA FICAR REALMENTE BEM SERVIDO, COMPRE UMA

"DELAHAYE"

(a grande marca francesa de fama mundial

AGENTES GERAIS:

DARTOUT & C.ª, Ltd.

23, Praça Municipio, 24 — LISBOA

Sortes grandes ?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

Condessa da Ponte, D. Maria Constança Pinto de Queiroz Teles de Vasconcelos, D. Maria da Conceição Meyreles, D. Maria da Conceição da Cunha Mascarenhas, D. Clara de Lima Sousa Rego e D. Maria Beatriz de Mendonça Gorjão.

E os srs.

Dr. José Gabriel Viana Pinto Coelho e Vasco Gabriel de Siqueira (S. Martinho).

Diplomatas

Em honra do ilustre Ministro da Belgica e da sr.ª Condessa de Lichtervelde, ofereceram o secretario da Legação da Belgica e Madame Heyne, na sua elegante residencia, á Estrela, um jantar que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo sido convivas, além dos homenageados e sua cunhada, o Ministro da China e Madame Onang, dr. Antonio de Sá Nogueira e Madame Sá Nogueira, Lamotta, vice consul da Belgica e Paulo de Loanda.

Os ilustres donos da casa, foram incansaveis de amabilidade para com os seus hospedes, que se retiraram gratissimos pela forma como foram recebidos.

A Caridade

Matinée» cinematografica

Com o pedido de publicação recebemos da ilustre comissão de senhoras que levou a efeito, na tarde de 19 de Dezembro ultimo, no Central Cinema, uma «matinée» de caridade a favor da Igreja de S. Lourenço, a nota das contas da mesma «matinée».

Produto da venda de bilhetes, 4.630$50; despesas diversas, cedencia do salão e gratificações, 1. 311$50; saldo a favor da Igreja, 3.369$00, que foi entregue ao reverendissimo prior de S. Lourenço e foi já aplicado em varios melhoramentos indispensaveis na referida igreja.

Concertos elegantes

No Tivoli

Assistencia elegante ao concerto de sabado ultimo, em festa artistica do maestro Pedro de Freitas Branco:

D. Maria Leonor da Silveira e Lorena de Magalhães Correia e filhas, Viscondessa da Merceana, D. Fanny Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e filha, D. Alice Guedes Heredia e filha, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, Madame Ivens Ferraz e filhas, D. Antonia da Silveira Maia, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e filha, D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Julia Camacho Santos, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos Perestrelo, D. Laura Serzedelo Teixeira de Sousa, D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Laura Valenças de Barros, D. Maria Margarida Caupers de Bragança, D. Julia Cardoso de Castilho Santos Silva, D. Maria Amelia de Freitas Maia, D. Berta e D. Maria Helena Belmar da Costa, D. Cármen e D. Antonia Ramada Curto, D. Virginia Luisa Cardoso, Mesdemoiselles Lancastre (Lousã), etc., etc.

Sabado, 22, sexto concerto de assinatura extraordinaria em que se apresentara o notavel «kapellmeister» Hans Weisbach.

Baptisados

Ná egreja da Encarnação realizou-se ontem o baptisado de um filho da sr.ª D. Emilia Gonçalves e do sr. Gustavo de Almeida, sendo madrinha sua tia a ilustre actriz Margarida de Almeida e o sr. Manuel Simões.

Em viagem

Vindo de S. Sebastian, é esperado na sua casa da praia da Granja, com sua familia, o sr. D. Ramon de Olazabal.

—A' sua casa do Porto, regressou de Alpendurada o sr. Conde de Alpendurada.

Doentes

Foi operada com muito exito na Casa de Saude de Benfica, pelo ilustre cirurgião sr. dr. Meleiro e Sousa, a sr.ª D. Ana Lopo de Vasconcelos Trigueiros, nora dos srs. Condes de Idanha-a-Nova, sendo o estado da enferma felizmente muito satisfatorio.

PRATAS ARTISTICAS

Reis, Filhos — do Porto

Representante, venda e deposito:

Ourivesaria ELOY DE JESUS

43 — R. GARRETT — 45

Os retratos a côres

só são perfeitos na

Photographia Brasil

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 114

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Grande Hotel d'Italia

Mont'Estoril

ESTORIL

Hotel do Parque

PAGINA DESPORTIVA

O Gimnasio Club Português

completa amanhã 55 anos

O campeonato DE "Foot-ball"

Os resultados de ontem, dos jogos do Campeonato de Lisboa de Foot-ball, foram logicos e mais ou menos concordaram com as previsões que haviam sido feitas. Se ha a extranhar a estrondosa vitoria do Sporting sôbre o Chelas, ela se deve apenas ao facto da linha avançada leonina, com Rogerio no centro, dar um rendimento superior ao normal e conseguir aquilo que em toda a época não havia conseguido: entendimento.

Os avançados doSporting estão-se penitenciando dos êrros cometidos nas onze primeiras jornadas do Campeonato.

A vitoria do Casa Pia pela diferença dum «goal» sobre o União, teve a sorte a fafeja-la, isto sem desprimôr algum para o «team» casapiano que na segunda parte, a favor do vento, dominou tecnicamente.

Na primeira parte o Unlão jogou mais, as suas avançadas eram rapidas e bem conduzidas obrigando a defeza do Casa Pia a empregar-se a fundo.

Depois veio a desorientação, a troca constante de logares e o dominio do Casa Pia transformou-se numa vitoria.

O Belenenses venceu facilmente o Carcavelinhos que actualmente não possui um «team» de honra que o represente condignàmente.

Sem Carlos Alves o «team» de Alcantara entra em campo já de antemão convencido da derrota e com o moral muito abalado.

Ontem, no primeiro quarto de hora ainda os alcantarenses tentaram fazer qualquer coisa, mas daí em diante o Belenenses jogou sempre em vencedor.

Nas Amoreiras o Benfica venceu o Bom Sucesso por quatro bolas a uma, tendo apresentado em campo a sua categoria de honra desfalcada dos elementos castigados, os quais foram substituidos por jogadores da reserva.

O Bom Sucesso, na segunda parte, assediou frequentes vezes as rêdes do Benfica, onde Dyson teve um esplendido trabalho.

Dos jogadores vermelhos ha a salientar o trabalho do extremo esquerdo que pela primeira vez alinhou na categoria de honra e que cumpriu muito bem o seu lugar, tendo dado seguimento a todo o jogo que lhe foi passado. Pena foi que não tivesse sido aproveitado mais vezes.

Em resumo, os quatro jogos da 13.ª jornada pouco interesse despertaram no meio footballistico, continuando o Campeonato a despertar o mesmo interesse. Oxalá o Benfica resolva não abandonar a disputa do Campeonato, porque então, se no proximo domingo houver um empate ou uma vitoria do Sporting sobre o Belenenses, qualquer dos dois terá de disputar aos vermelhos a supremacia do Campeonato de Lisboa.

RESULTADOS DE ONTEM

Belenenses, 5—Carcavelinhos 1.
Benfica, 4—Bom Sucesso, 1.
Casa Pia, 2—União, 1.
Sporting, 8—Chelas, 1.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Uma casa modelar de educação fisica

Ha uns bons 70 anos, ao Circo Price da Rua do Salitre, vieram alguns artistas estrangeiros fazer gimnastica nas suas diversas modalidades, que causaram sensação no nosso meio. Uma pleiade de bôa rapaziada nossa, entusiasmada com os exercicios, relaciona-se com essa gente, observa-lhe a arte e o arrojo, estuda-lhe os movimentos e começa, em recintos diversos, a treinar-se para conseguir numeros que se impuzessem ao aplauso publico.

Luís da Costa Monteiro arvora-se em capitão do grupo, estuda os metodos de gimnastica, abre uma aula no Castelo, com uma excelente frequencia, e obtem os melhores resultados. Em 1869, no mesmo Circo Price realizava-se o primeiro espectaculo por amadores, que obteve um grande sucesso. Essa circunstancia trouxe-lhe mais adeptos e em Janeiro de 1875, Jacob Amzalak, Estevão Ribeiro da Silva, Mario Busaglo, Augusto Ferreira, C. Vasconcelos, Francisco Sommer, Rego Freitas, J. Larache, Rafael Rodrigues, Alfredo Lavado, Henrique Lassé, Eduardo Castelo Branco, Gama Lobo, Joseph Syder, Antonio Martins, Francisco Robles e outros, deliberaram fundar um Club numa velha casa da Carreirinha do Socorro, a que deram o nome, que ainda hoje tem, de Gimnasio Club Português, e que a 18 de Março de 1875 era inaugurado.

A base artistica do Club foi constituida por estudantes da Escola Academica, levados por Luís Monteiro, tais como Julio Simas, Francisco Xafredo, Jorge Cordeiro, Carolino Monteiro, João Xafredo, José Lezameta, Rafael Pina Manique, Furtado Coelho, etc.

Os pais desta rapaziada inquieta não gostavam das «palhaçadas» dos filhos, mas os aplausos e triunfos acumulavam-se e eles prosseguiam na pratica dos exercicios fisicos. Outra muito boa gente, se lhes juntou e de que faziam parte, entre outros, Antonio Pinto Martins, Luís Vilar, Henrique e Alberto Martins, Abreu Oliveira, Rafael Manique, Antonio Infante, Frederico e Alberto Macieira, J. Barrot, Jorge Wadington, Duarte Holbeche, Alfredo Anjos (conde Fontalva), C. Mahony, Possidonio de Castro. Começa, então o Club a dar espectaculos publicos em Lisboa, Porto e Coimbra, quasi todos para beneficencia e a eles acorria a melhor sociedade, aplaudindo com frenesi a mocidade desenvolta. Em 1882 o rei D. Luís premiava o Club com o titulo de «Real», o que foi uma grande honra, pois não era facil a sua concessão. O Club nomeou socios o rei, e os principes D. Carlos e D. Afonso. Estes, discipulos de Luís Monteiro.

Necessitava o Club de casa mais apropriada para séde, e em Agosto de 1884 abria as suas portas na rua 16 de Outubro, onde ainda hoje se conserva, com um chalet construido sôbre a casa,paragimnasio.

Foi um dia glorioso, e o publico aplaudiu ruidosamente os trabalhos dos artistas. Rui de Carvalho compôs um hino de homenagem ao Club.

E assim nasceu e assim tem vivido e viverá, acarinhado por todos os rapazes que vêem na educação fisica o rejuvenescimento da raça, um Club que durante 55 anos tem pugnado pela causa do desporto.

Hurrah! pelo Gimnasio Club Português!

O campeonato D "Rugby"

Terminou ontem o campeonato de Lisboa de rugby, tendo obtido mais uma vez o titulo de campeão o Sporting Club de Portugal, o qual venceu o Gimnasio Club Português por 10-5 (dois ensaios a um, todos transformados).

Na primeira parte, com vento a favor, o Gimnasio dominou, tendo marcado a poucos minutos do começo o seu ensaio que foi transformado, resultado que se manteve até final da primeira parte.

No segundo meio tempo o Sporting, aproveitando tambem o vento, marcou dois ensaios, tambem transformados, que lhe deram a vitoria e o titulo maximo do Campeonato de Lisboa.

Antes deste encontro realizou-se o jogo Belenenses-Carcavelinhos, do qual saiu vencedor o Belenenses por 6-3 (dois ensaios a um, não transformados).

A classificação geral dos grupos que disputaram o campeonato de Lisbo. foi o seguinte:

1.º—Sporting Club de Portugal.
2.º—Gimnasio Club Português.
3.º—Sport Lisboa e Benfica.
4.—Club de Foot-ball os Belenenses.
5.º—Carcavelinhos Foot-ball Club.

Hockey em campo

Com um programa de oito encontros, repartidos pelos campos das Salesias e das Laranjeiras, começou ontem o Campeonato de Lisboa de hockey em campo. Em 1.as categorias, o Internacional bateu o Amoreiras por 2-1, o Benfica venceu o Sporting por 6-0 e o Excelsior bateu o Belenenses por 2-0.

Em 2.as, o Benfica derrotou o Sporting por 8-0 e o Ateneu venceu «Os 13» por 1-0. OInternacional e o Amoreiras empataram 0-0.

Em 3.as, o Amoreiras derrotou o Ateneu por 2-0.

O jogo de 1.as entre «Os 13» e Ateneu não se realizou porque os arbitros marcados, jogadores do Club Internacional de Foot-ball, se recusaram a arbitrar por terem de jogar a seguir um encontro do seu club com o Amoreiras.

Club Nautico de Portugal

Já chegou ao Porto, a bordo do «Ibo», o barco padrão monotipo C. N. P., «Happ Star», adquirido pelo delegado do Club Nautico de Portugal, D. Gonçalo de Vilas Boas (Guilhomil), o qual vai servir de modelo para as novas unidades a construir no norte, da classe de monotipos C. N. P.

A Companhia Nacional de Navegação, que sempre tem auxiliado o Club Nautico de Portugal, concedeu o transporte gratuito daquele barco, dando, assim, manifesta prova do interesse que lhe merecem todas as iniciativas tendentes a facilitar o desenvolvimento do «yachting» em Portugal e os progresses do nosso país.

Carlos Sergio

Encontra-se, retido no leito, bastante incomodado de saude, o nosso amigo e antigo colaborador deste jornal Carlos Sergio, a quem desejamos rapidas melhoras e um pronto restabelecimento.

O Espartilho antigo e os novos modelos inteiros

O espartilho, tão indispensavel, para dar linha e elegancia ás «toilettes», como para manter direito e com perfeição o busto da mulher, tem passado, através os tempos, por tão grandes modificações, que, do que era antigamente, apenas lhe resta o nome.

Noutros tempos, ele era confeccionado com grande quantidade de varas de aço, para ficar forte e duro como uma couraça.

O espartilho de hoje, confeccionado sem aquelas varas e com aplicações de elasticos, é «souple», ligeiro e elegante, estando indicado completamente para a moda actual, principalmente o modêlo inteiro, que é o espartilho com o soutien-gorge pegado.

Este modêlo dá efectivamente resultados maravilhosos, quando feito por medidas e provado, pois tem de ser ajustado a cada pessoa, não se podendo aplicar feitos em série, pois que, assim, dificilmente dá elegancia ao corpo e além disso causará grande encomodo o seu uso.

A Pompadour, casa de Espartilhos e Cintas do Chiado, que neste artigo trabalha com conhecimentos indispensaveis, tanto do «metier» como da moda, é a unica casa em Lisboa competente para a confecção destes modêlos.

Uma bela novidade

As Cicle girls do Coliseu

Não cessa o assombro do publico perante o belo trabalho apresentado no Coliseu pela celebre troupe Deblars, cujos exercicios de ciclismo acrobatico e artistico são decididamente a ultima palavra em atrações de circo. Tambem o interesse da população pelas curiosas exibições dos macacos de Scarlette se manifesta continuamente, sendo este um dos numeros mais ovacionados do programa, em que figuram no entanto outras atrações de reputação mundial. Estão nestes casos o trio Rob, Cimse e C.ª, num emocionante e vistoso trabalho de motociclismo em pista aerea, o joven campeão de força Otels, que dobra á mão e nos dentes grandes barras de ferro, os impagaveis clowns Siméon e Oscar e outras notabilidades que tomam parte no espectaculo da moda desta noite.

MOSAICOS
A maior producção de Portugal — os de melhor fabrico
GOARMON & C.ª
A maior fabrica do país—Escritorio: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21. Rua do Corpo Santo, 32—LISBOA. — **Azulejos Cimentos — Louças Sanitárias.**
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUCÇÃO
Pedir catalogos e preços
Telefone C. 1244

DEPOSITO DA COVILHÃ
Cortes de fatos, desde ..... 34$50
Cortes de sobretudos, desde.... 75$50
Sobretudos já feitos, desde.... 180$00
Vendas directas das fabricas ao publico
Não confundir
ROCIO, 93, 1.º
Manda amostras ao domicilio e para a provincia.

CADILLAC
HUDSON
LA SALLE
ESSEX

EM EXPOSIÇÃO

novos modelos 1930

71 — Avenida da Liberdade — 71

OFICINAS GERAES
R. da Escola Polytechnica, 261

GARAGE
66, R. Alexandre Herculano

Telefones Norte 2640 2641 2642

POR TERRAS DE AFRICA

O triste fim dum namerocòlo

numa caçada de pretos

que começou por canticos

e acabou com um "baile"

Todo aquele que goste ou tenha o vicio da caça deve adaptar-se com facilidade á vida da Africa.

A maior sensaboria que deve ter o bom caçador é percorrer montes e vales, os cães latindo aqui, farejando além, mas sem que ponham a descoberto animal que, pelo tamanho, mereça a honra de um tiro. No sertão africano não sucede isso. Sem podengos, nem galgos, nem furões, a caça aparece, muita, variada e como que brotando, expontanea, á superficie da terra. O preto, não dispondo em geral de armas de fogo, serve-se na caça de variadas artimanhas e ainda, muitas vezes, de setas ou zagaias, para a caça forte, aqueles que são destemidos e certeiros na pontaria.

Muitas vezes os vi partir, em grupos, levando sómente cacetes e varapaus; e no entanto eles não deixavam de recolher com caça abundante e bôa. Através da luxuriante flora, correndo planicies, galgando a morros e, por vezes, rente a fundas ravinas e largas cavernas, ao mesmo tempo que despertam antilapes e afugentam corças, sob a sua vontade e aos golpes dos seus cajados e á traição das suas armadilhas indefeza caça se prostra.

Depois, no regresso, o prazer que mostram e o alarido que fazem, quando a caça é bôa e digna de ser vista. Uma vez, porque chegaram alta noite, puzeram, em silencio, em frente do bazar da povoação, um enorme crocodilo. Vi-o no dia seguinte. Teria uns quatro metros de comprido. De arcaboiço forte e rijas escamas, achava-se de peito para baixo, a cabeça erguida, as patas simetricamente assentes no terreno, e deixando tudo a impressão de que ainda se achava vivo. Moscas varejeiras, pela bôca semi-aberta, entravam e saiam, enfartadas da presa e como se ali tivessem estabelecido aprazivel residencia. Ao fim de dois dias, como o calor já espalhasse um nauseabundo cheiro a carne morta, mandei remover o bicho para uma cova que lhe foi aberta, bem longe, junto á agua do mar.

Porém, nem só os pretos daquela região caçavam. Na Companhia Indigena que comandei havia um esplendido caçador. Caçando á bala e sendo sereno na pontaria, que não errava, era raro que não abatesse gazelas, javalis ou cabras. Tambem os restantes soldados—landins, com muito culto pela caça—pediam licença e seguiam, ás vezes, com ele.

Num sabado, á tarde, chegaram eles com uma grande padiola improvizada; e, em cima dela, estendido e sujo de sangue que vertera, um corpulento boi do mato. Foi posto junto da cozinha e entregue aos cuidados dos esfoladores e cozinheiros. Este sucesso, naquele dia, entusiasmou os landins. E tanto que, á noite, o cabo interprete me procurou e pediu favor:

—Meu s'capitão: soldados pedem licença p'ra irem amanhã s'caçar.

Como se tratava dum domingo, da melhor vontade consenti.

... ...

Os senhores feudais, quando antigamente exerciam o poder nos velhos castelos roqueiros, de pontes levadiças e altas torres, partiam geralmente para a caça com grande luxo e estrondo, como se abalassem para a guerra em que devessem ficar vencedores.

Cavalariças e canis abertos, cavalos relinchavam e cães latiam, com alvoroço, contentes e com o antecipado prazer que lhes ia oferecer aquele dia. Enquanto criados, palafreneiros e escudeiros iam dando os ultimos retoques, com o fato mais proprio para a mordedura do mato, iam reunindo fidalgos, damas e convidados. Tudo pronto.

A cavalo!... E, com grande alarido da matilha, e ao som de buzinas e de sonorosas trombetas de prata, o nobre cortejo seguia.

Tambem os landins partem em grandes grupos, com ruido e a cantar, para a caça, mas com menos aparato e mais simplicidade. Naquelé domingo, muito cêdo, antes que o toque de alvorada soasse, deu-me para assistir, por curiosidade, á partida dos pretos.

Ainda o boi de mato se achava junto da cozinha, intacto. Os pretos, esperando-me, achavam-se reunidos, em volta dele. Mal me avistam começam, em côro, uma grande cantilena. Era a exortação, do costume, para não temerem a caça, pois tinham feitiço contra o veneno das serpentes e contra a mordedura das féras. Parece-me que ainda os estou ouvindo, ao mesmo tempo que, curvando-se, pareciam escavar o terreno:

Útácô sá milêngâ bácu fácô ômú tambô
Guitcho inhócu bámu gá gú lá
Ú bô côtiá cudtgá gú lá
Ziá ê cá Ziá ê cá.

Depois disto repetido, lá seguiram cantando e agitando os cacetes e varapaus. E por fim, lá de longe, as vozes enfraquecendo, só me chegavam mais distintamente aos ouvidos, como os sons dum eco que se extinguem, as ultimas palavras da cantilena:

Ziá ê cá Ziá ê cá...

* * *

Passado tempo, mais uma vez pediram licença para, em grupo, caçarem. E, como agora, não seguiam para longe, porque se tratava unicamente da caça ao nameracólo, resolvi assistir á caçada. Tinha tambem curiosidade de vêr como por eles era agarrado este coelho da Africa. Porque para este genero de caça se tornava preciso preparar o terreno, na vespera, para ele partiu quasi toda a companhia, alguns pretos com rêdes e armadilhas, outros com troncos de madeira e tabuas, e ainda outros com enxadas. Recolheram, ao cair da noite, cansados. Ainda que a caçada desta vez ia ser mais modesta, no dia seguinte, a mesma reunião muito cedo, e a mesma lenga-lenga, antes que partissem. E, enquanto entoavam o canto para afastar o perigo, adianto-me, fui espera-los ao caminho e segui depois com eles, na mesma direcção. Num extenso terreno de mato curto, sem caminhos, préviamente escolhido e que lhes pareceu mais propicio, achava-se tudo preparado.

Num lado do terreno, uma comprida paliçada o vedava. Por ela só poderiam passar coelhos pelas aberturas maiores, aqui e além preparadas, e tendo umas á frente das rêdes, e outras as armadilhas. Entremeando com a paliçada e ainda nos extremos, prolongando-a, dum e doutro lado, grossos ramos obstavam tambem á saida dos coelhos.

Depois dum pequeno descanso, antes que fôsse começada a grande batida, percorreram alguns pretos a longa paliçada para colheita dos coelhos que, durante a noite, já tivessem caído. Para tanto trabalho, por enquanto, fraca colheita. Só um coelho morto e três vivos. Com grande regosijo—o regosijo selvagem—mataram logo os pretos dois coelhos, e deixaram ficar um vivo. Em seguida, outros pretos fôram postar-se num e noutro extremo da paliçada, e ali estenderam, como os soldados na ordem dispersa. De preto a preto devia ter ficado o intervalo de um a dois metros. Achava-se assim completa a barreira, numa grande frente, contra os coelhos que por ali quizessem passar. Os restantes pretos, em maior numero, fôram tambem estender, a uma distancia superior a um quilometro no lado oposto, no terreno escolhido.

Só um preto ficou inactivo. Foi aquele que ficára encarregado do transporte do coelho vivo. Satisfeito com a missão que lhe fôra dada, para ali ficou, deitado, de barriga para o ar, aguardando o fim da caçada. O coelho, ao lado, com as pernas atadas para que não fugisse, de vez em quando dava repelões, com uma ansia desesperada de poder escapulir-se.

Aquele namerocólo que escapára á morte... Para que queriam eles aquele namerocólo?... E nisto pensava, quando ouço um silvo prolongado e que devia ter sido préviamente combinado. A este sinal, parecia ir ali acabar o mundo. Os pretos que foram estender a distancia, muito de mansinho, calados, e torneando cautelosamente o terreno escolhido, aí vêem agora em grande gritaria, assobiando, vozeando, e batendo todos com os cacetes, palmo a palmo, o terreno. Ao mesmo tempo, iam convergindo para os extremos da paliçada, para que o cêrco fôsse bem apertado e nenhum coelho, pelos lados, pudesse escapar. Para a frente, para as rêdes e armadilhas é que era o caminho.

Ao fim de meia hora, estava terminada a caçada ao namerocólo. Com receio do calor, retirei antes dos caçadores. E, uma hora depois, chegaram eles. A' frente, como era costume, o caçador armado com a espingarda ao ombro; mas agora, junto dele e participando tambem da honra, seguia o preto escolhido com o coelho vivo.

... ...

Foi uma tarde bem passada, aquela, pelos pretos landins. Empanturraram-se de namerocólo, mal cozinhado, mas bem regado no estomago com azedos golos de súra. E, quando a noite chegou, seguiu-se, como não podia deixar de ser, o indispensavel «baile». Chamo-lhe baile, porque os gentis pretos não batucavam, desta vez, nem á moda de Gaza nem á da Macuana. Dançavam á portuguesa... Ao som dum pequeno harmonium de bôca com que o Faftine tocava canções que, aos brancos, aprendera quando fôra moleque, durante muito tempo, em Lourenço Marques, bailavam os restantes, formando pares e dando voltas, com grandes trejeitos das pernas. Queriam assim imitar as danças que, aos brancos, ou nesta cidade ou noutras partes, deviam ter observado.

Mas enfastiados, ou porque não gostassem do genero, ei-los todos a cantar, aos pulos, batendo palmas:

O' Ma-ria Ro-sa
O' Ma-ria Ro-sa
O' Ma-ria Ro-sa
O' Ma-ria Ro-sa
O' Ma-ria Ro-sa
.....
.....

Só isto!... Da quadra que deviam ter ouvido e em que, em português, deviam ser enaltecidas as qualidades de qualquer galante menina, só lhes ficara aquilo: «O' Maria Rosa, O' Maria Rosa, O' Maria Rosa... «O pior foi que, divertidos, entusiasmados, muito tempo levaram, como céga-régas, com a impertinente cantiga. E pensava na paciencia que os pretos mostram em tudo — no sofrimento, no trabalho, na caça, na dança — quando vejo, diante de mim, o preto protegido com o coelho vivo.

— Namerocólo p'ra s'capitão — disse ele, radiante, ao mesmo tempo que mo entregava.

Afinal ...o coelho vivo era para mim. Soube depois a razão desta deferencia. Era para que eu tivesse o grande gôso de lhe tirar a vida. Têm alguns pretos, muitas vezes, esta prova de consideração para com as pessoas que respeitam, a quem temem, ou de que dependem, por uma questão de instinto selvagem, inato, primitivo. E' que, de géração para géração e desde remotas eras, chegara até eles, por atavismo, o cruel prazer de matar.

No entanto, com relação a este costume, estive com muita sorte. E' que vivo, crescido, cheio de saude e só preso com um atilho nas pernas, como o coelho que me ofereceram, nunca eles foram capazes de me apresentar um leão...

... ...

A triste e eterna sorte dos mais fracos!... E isto por todo o mundo, e quer se trate de animais, quer se trate de homens, quer de nacionalidades.

PAIS MAMEDE

GIMNASIO Telef. T. 914
A's 9 horas e meia
Festa artistica do actor Silvestre Alegrim com a comedia
O HOMEM DAS 5 HORAS
Quarta-feira, 19: Recita em homenagem ao actor Erico Braga.
FALTAVA UM HOMEM

A Cidade

Café Chiado
Café — cacau — chocolate
Leite — chás e torradas
Bife á Marráre

Chá das cinco

Multas

O meu visinho Adrião passa a vida a queixar-se da sua sorte:

—Ultimamente, então, tenho tido um azar medonho com as multas. Umas vezes por culpa dos outros, outras por desleixo meu, outras por não conhecer as posturas ou as leis, tenho pago dezenas de multas, á policia, á Camara, aos fiscais.

—Explique lá!

—Olhe: no primeiro do mês, levaram-me um belo acendedor e obrigaram-me a uma pesada multa por não ter licença; no dia seguinte, a minha criada lembrou-se de sacudir o pó para cima dum policia—e... multa! Como tenho a infelicidade de possuir automovel, um dia pago por excesso de velocidade, outro por falta de luz, outro por não ir do meu lado, outro por não fazer marcha atraz...

—Valia-lhe mais, realmente, andar a pé...

—E ainda não é tudo! Imagine que hoje recebi um aviso para pagar nova multa. Sabe porquê? Por ter pintado uma sala á pistola.

—Por não ter licença para obras?

—Eu já me lembrei mas é que fôsse por eu não ter licença de uso e de porte de arma...

FELIX CORREIA

A ARTE NEGRA

Está em Lisboa

o melhor «jazz»

que nos tem visitado

Os dez mil portugueses que fôram á «Semana Portuguesa» em Sevilha, tiveram ocasião de admirar e aplaudir delirantemente um estupendo «jazz» de negros, que todas as noites enchia de entusiasmo e de delirio o numerosissimo publico do «Plantacion».

Pois esse «jazz»—«The Ibero-American Sincopators»—, está em Lisboa, fazendo o mesmo enorme sucesso, no «Restaurant Olimpia Club».

—Resolvi contractar este «jazz», que, como pode constatar, é o melhor que tem vindo a Lisboa, em face do formidavel exito que ele teve, primeiro em Sevilha, no «Plantación», e depois em Madrid, no «Florida»—disse-nos o director do «Olimpia», sr. Tomás Ramalho. Ao mesmo tempo, contractei tambem uma encantadora negra cubana, Joaquina Serrano, para canções americanas, e um admiravel bailarino: Elias Pierre—o «rei de Charleston» e do «black-botton».

Além destes elementos, o publico do «Olimpia» pode apreciar uma bela orquestra portuguêsa dirigida por Antonio Roman Navarro.

Na «Taverne» do popular Club ha fados todas as noites, pela querida cantadora Maria Alice, cujoc discos tanto sucesso estão alcançando por todo o país.

A DITADURA ESPANHOLA

A MORTE

do general

Primo de Rivera

causou profunda emoção

em toda a Espanha

A morte do general Primo de Rivera, conhecida em Lisboa ontem á tarde, impressiona pelas circunstancias que a rodearam. Após quasi sete anos de uma acção politica, que nos não cabe discutir agora, e tendo sido demitido por Afonso XIII, chegou o general Primo de Rivera a Paris, com o pêso da derrota e uma leve mala de mão, instalando-se num tranquilo hotel da margem esquerda onde recusou o tratamento de excepção que lhe ofereceram ao ser reconhecido, e preferindo simples aposentos no terceiro andar.

Foi então, ha quasi dois meses que o Marquês de Estella, ao qual se reuniram suas filhas Carmen e Pilar e seu filho Miguel, começou sentindo, mais do que as fadigas do Poder, o amargo travo da derrota, dolorosas preocupações e desgostos que, dado o seu caracter e a convicção pessoal de bem ter servido o seu país, tiveram funesta repercussão num organismo exausto e minado pela diabetes. Seu dilecto companheiro de tristes passeios por Paris, o medico da Embaixada Espanhola dr. Alberto Baudelac de Pariente, aconselhou-lhe uma cura de repouso num sanatorio de diabeticos em Francfort; e o general Primo de Rivera despedia-se ontem dos seus amigos com um chá intimo que se não chegou a realizar.

Quinta feira passada fôra ainda ao teatro, e sabado estivera com o dr. Baudelac num restaurante da Avenida da Opera até ás vinte e duas horas da noite, regressando depois ao hotel onde bebeu um copo de leite com o seu bom amigo.

Na manhã de domingo tomou o general Primo de Rivera o seu habitual primeiro almoço e entregou-se á leitura dos jornais, sentado numa cadeira de braços. Que teria lido o ex-dictador e até que ponto o teria a leitura impressionado? O caso é que se começou sentindo tão incomodado que pediu a suas filhas se não demorassem na Igreja onde iam ouvir a missa dominical. Durante a ausencia sobreveio a embolia que o matou no modesto quarto do terceiro andar do Hotel du Pont Royal, só, esquecido de muitos, abandonado de alguns, longe da Patria.

Quando suas filhas regressaram, encontraram seu pai sem sentidos, em atitude de ter desmaiado durante a leitura dos jornais que estavam caidos no chão, junto aos oculos de tartaruga. Seu filho, que chegara ao mesmo tempo, verificou, impressionadissimo, que o Marquês de Estella deixara de viver e o dr. Baudelac, chamado á pressa, limitou-se a verificar o obito, no que foi assistido pelo medico do bairro.

Conhecida a triste noticia, acorreram ao Hotel da rua Bac inumeras pessoas da colonia espanhola, entre elas o Duque de Alba e Calvo Sotelo, e da embaixada, cujo capelão se limitara a abençoar o cadaver do extinto.

A's 16 horas, foi o corpo embalsamado e vestido com o habito dos Carmelitas espanhois, tendo sido velado durante a noite por seus filhos, por Mimi Castellanos, que fôra sua noiva, alguns intimos e por duas religiosas.

Foi a familia do extinto que comunicou para Espanha a morte do seu ultimo chefe do govêrno, tendo a noticia causado profunda impressão, especialmente ao Rei, a quem foi transmitida pelo embaixador Quinhones de Leon e confirmada pelo general Berenguer, que a recebera do Duque de Alba.

Primo de Rivera e o "Diario de Lisboa„

O general Primo de Rivera, simpatico e expansivo, figura inteligente e popular, conduzindo os acontecimentos com eloquencia e graça, era um bom andaluz, optimista e falador; e foi com graça e simpatia que sempre falou aos enviados do «Diario de Lisboa» quando da inauguração das Exposições de Sevilha e Barcelona, visita do Chefe de Estado e entrevistas com o general Ivens Ferraz, em Viana do Castelo e Mondariz. Quando deste encontro entre os dois presidentes do conselho, chegou mesmo a conceder-nos um autografo que conservamos inédito e em que canta Portugal e Espanha «las dos naciones hermanas por su origen y hermanas por sus glorias».

Aludindo nós então á circunstancia de se ter dito ha tempo que Primo de Rivera era de ascendencia portuguêsa, havendo ainda em Portugal parentes seus, ainda que afastados, disse-nos:

—Muito me honraria ter portugueses por meus maiores. Mas honradamente confesso não ter noticias disso na minha familia.

A trasladação para Espanha

O cadaver do general Primo de Rivera será hoje trasladado para Espanha, em fourgon armado, atrelado ao comboio directo dos Pirineus na gare d'Orsay, até onde será acompanhado apenas pelos seus intimos.

Em Madrid, onde as listas de condolencias são assinadas por pessoas de todas as categorias, serão prestadas grandes honras funebres ao general e grande de Espanha, que tinha duas Cruzes laureadas e o Tosão de Ouro, formando cordões de tropas por todo o trajecto até ao seu domiciliom, ou á séde da União Patriotica, se os filhos do antigo chefe do govêrno acederem ao desejo de ser ali exposto, para que os seus admiradores desfilem ante ele.

Da União Patriotica irão á fronteira francêsa esperar o cadaver, em comboio especial, muitos filiados e todos os antigos ministros da ditadura.

A noticia em Madrid

Por não se publicarem jornais ao domingo foi a morte do general Primo de Rivera conhecida dos madrilenos á

(Vêr continuação na 12. página)

no São Luiz **A RUSGA** com George Bancroft

Pelos teatros

Erico Braga

Veste galas na quinta-feira o Teatro do Gimnasio. As recitas de Erico Braga, pelas brilhantes qualidades do artista, o prestigio de emprezario e influencia das suas relações pessoais, constituem sempre noites memoraveis.

A tenacidade, a constancia, a isenção de Erico Braga dá-lhe jus á homenagem que os seus amigos e admiradores lhe preparam na quinta-feira, num dos intervalos da peça, «Faltava um homem», três actos admiraveis de Felix Ganderá, traduzidos por Mario Duarte. A comedia—que constituiu o maior exito da temporada dos teatros de Paris—é posta em scena com todo o esmero de scenarios e mobiliario.

As maquettes, da autoria de Cunha Barros, foram executadas por Almeida e Duarte. O 3.º acto, que decorre numa garage, é gentilmente decorado pela Sociedade Portuguesa de Automoveis.

"O caso do dia"

A discutida peça «O caso do dia» de Ramada Curto, que constituiu, ha duas epocas, um formidavel exito, volta amanhã á scena, no Teatro Nacional. Amelia Rey Colaço, na protagonista, realisa um grande trabalho artistico, que lhe mereceu da critica os elogios unanimes e do publico grandes ovações. «O caso do dia», que foi no Brazil uma das peças que mais agradaram, tem agora, na «reprise», a mesma interpretação e será posta em scena com o mesmo brilhantismo. A fechar o espectaculo, representa-se ainda o lindissimo quadro historico «Almas de mulher», onde as artistas da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro recitam maravilhosamente versos de Gustavo de Matos Sequeira.

«Caninha Verde»

No Teatro Variedades, realizam-se depois de amanhã as primeiras representações da revista «Caninha Verde», original de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, musica de Raul Ferrão e Ascensão Barbosa. No desempenho toma parte toda a companhia: Dina Moreira, Dulce de Menezes, Elisa Guisette, Margarida de Almeida, Margarida Martinó, Zulmira Miranda, Alberto Reis, Carlos Leal (o compadre), Charles (bailarino), José Victor, Santos Carvalho, do Porto, e Soares Correia. A realização é de Rosa Mateus, sendo os scenarios todos novos.

Atrás do reposteiro

Em récita popular representa-se hoje, pela ultima vez, no Teatro Nacional, a peça «O Café do Felisberto». Em «Fim de Festa» repete-se o quadro historico «Almas de Mulher».

—Exgotou-se ontem completamente a lotação do Teatro Avenida, primeiro domingo da peça «O Autoritario», pela Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

—Com um brilhante «Fim de Festa» e a comedia «O Homem das Cinco Horas», em que interpreta o papel de «Celestino Maraval», criado por Erico Braga, realiza-se hoje, no Teatro do Gimnasio, a festa artistica do actor Silvestre Alegrim.

—Esta marcada para sexta feira, no Teatro Nacional, a primeira representação da alta comedia «Degredados», original da ilustre poetisa D. Virginia Vitorino.

—Depois duma larga «tournée» pelas colonias portuguesas e pelo Congo Belga, regressou a Lisboa a actriz-cantora Filomena Lima, «estrela» do teatro ligeiro.

—Na revista «A Ramboia», que vai ser reprisada na recita de Hortense Luz, no Teatro da Trindade, estrear-se-ha, além de muitos numeros novos, um quadro escrito expressamente para esta sua remodelação.

—Da Companhia lirica que se estreia no Coliseu no proximo sabado de Aleluia faz parte a notavel soprano ligeiro Lina Pagliughi.

—O primeiro actor-comico e director da Companhia de Zarzuela que vem actuar no Teatro da Trindade, é o artista de grande renome e popularidade em Espanha, Artur Lledó, fazendo tambem parte do elenco Julio Nadal, filho do celebre comico do mesmo nome e que tanta celebridade teve em Lisboa.

—Para se proceder á montagem da peça «Faltava um homem», que na quinta-feira sobe á scena no Gimnasio, amanhã e depois não ha espectaculo naquele teatro.

—As artistas, todas de grande categoria, que vão tomar parte na festa de Nascimento Fernandes, ao Teatro da Trindade, representam num quadro especial com que nessa noite é enriquecida a revista «Chá de Parreira», cada qual interpretando o seu numero.

—Estreiam-se depois de amanhã, no Zof, as Soto Sisters. Esta é a ultima semana do ventriloquo Agudiés.

CONDES
A PEDIDO
NOSSA SENHORA DE PARIS

A Cidade

No ROYAL CINE
R. da Graça, 100—Tel. N. 6791
HOJE—Soirée ás 21 horas
FIGARO
(O Barbeiro de Sevilha)
O AMIGO

NAS AZENHAS DO MAR

O concelho de Sintra e a acção regionalista de Alberto Tota

Nas Azenhas do Mar foi ontem prestada uma calorosa manifestação de simpatia e solidariedade ao sr. Alberto Tota, elemento animador do progresso moral e material daquela povoação, e figura prestigiosa não só em Sintra, mas em todo o vasto concelho, ao qual tem prestado indiscutiveis serviços.

Durante toda a tarde desfilaram pela casa do sr. Alberto Tota, nas Azenhas do Mar, centenas de elementos dos mais representativos de Sintra e do seu termo, e milhares de pessoas da localidade e das freguezias visinhas, bem se podendo dizer que não houve uma unica pessoa, fôsse qual fôsse o seu crédo politico ou religioso, e a sua categoria social que não tivesse ido a casa daquela ilustre individualidade, que desempenha o cargo de vice-presidente da Comissão de Turismo de Sintra, vice-provedor da Misericordia de Sintra, presidente da assembleia do Sindicato Agricola de Colares, representante da Comissão de Viticultura junto do ministerio da Agricultura, vogal e principal animador da Comissão de Melhoramentos das Azenhas, e propugnador dos interesses das freguezias circunvisinhas junto das instancias oficiais.

A Misericordia de Sintra estava representada pelos srs. Conde de Sucena, coronel Alfredo de Albuquerque, Carlos Carneiro, Jorge Soares, Eduardo Gaio e Luciano Ribeiro. Da Camara de Sintra estavam os srs. Carlos Carneiro, tenente Mario Pimentel, comandante da Guarda Republicana, e dr. Baptista Freire. Colares representava-se por dezenas de pessoas, tendo á frente a prestigiosa figura do sr. dr. Brandão de Vasconcelos.

Destes senhores falaram, enaltecendo a obra, a isenção politica, a nobreza de atitudes altruistas do sr. Alberto Tota, e pedindo-lhe que continue á frente das colectividades e instituições a que tanto se tem dedicado, os srs. Conde de Sucena, coronel Alfredo de Albuquerque e dr. Brandão de Vasconcelos.

Estiveram ali tambem delegações e representantes da Praia das Maçãs, tendo falado os srs. Arlindo Simões, do Monte Banzão, Ernesto Barros, das Azenhas, e José Pedro Martins, e de Janas, Fontanelas, Almoçageme, Penedo, Mucifal, Gouveia, etc.

Tambem se viam delegações dos Bombeiros Voluntarios de Sintra e de Colares, e a banda de Almoçageme, que abrilhantou a recepção; do Gimnasio Club de Sintra, e das comissões locais. Os srs. Alfredo Leal e Alipio Alves representavam os dois jornais de Sintra. Estavam quasi todos os importantes lavradores da região, os chefes das casas Viuva Gomes e Chitas, e dezenas de amigos pessoais. O comercio da vila de Sintra e da Estefania estava representado pelo sr. Francisco Pinheiro, que tambem usou da palavra.

De Lisboa foram ás Azenhas muitas pessoas de representação, entre as quais os srs. João Alves de Freitas, Arnaldo da Conceição, Camilo Farinha, da Companhia Sintra-Oceano; engenheiro Sousa Birne e Eduardo Maria

(Vêr continuação na 12.ª pagina)

A PROPOSITO DUMA REPORTAGEM

O ALMOÇO de homenagem ao nosso camarada Artur Portela constituiu uma bela festa de confraternização jornalistica

Em volta do nome do nosso querido camarada Artur Portela, reuniram-se ontem cêrca de 80 jornalistas, escritores, homens de sciencia, oficiais do exercito e da marinha, advogados e artistas, que quizeram significar-lhe o apreço em que têm as suas qualidades de caracter e a profunda admiração que sentem pelo seu talento de jornalista moderno, vibrante, republicano, e, acima de tudo, patriota como os melhores.

Foi uma bela festa de confraternização jornalistica, em que se fizeram interessantes afirmações de camaradagem e de fé republicana. E, se nem todos os que se sentaram á mesa do restaurante Roma comungam nos mesmos ideais politicos, a verdade é que todos se encontraram unidos pelo mesmo espirito de solidariedade e de camaradagem que ali os levara, e pela mesma fé inquebrantavel nos destinos da nossa Patria.

Usaram da palavra varios oradores, que por forma diversa marcaram a sua atitude politica ou jornalistica, sem que se tivesse registado durante o banquete uma palavra mal soante ou uma nota discordante do objectivo de confraternização que ali nos reunira.

Pouco depois das 13 horas, assumiu a presidencia o nosso querido director, sr. dr. Joaquim Manso, sentando-se á sua direita o nosso camarada Artur Portela e os srs. drs. João de Barros, Orlando Marçal, Osorio de Castro e Norberto Lopes, chefe da redacção do «Diario de Lisboa», e á esquerda os srs. tenente-coronel Cristovam Aires, presidente da direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, drs. Mario Monteiro, Feliciano Santos e José Pontes.

Em frente, tomaram lugar os srs. dr. Henrique de Vilhena, Antonio Ferro, Alfredo Vieira Pinto, Pedro Bordallo, Herculano Nunes e Erico Braga.

Nos outros lugares, sentaram-se indistintamente os restantes convivas, cujos nomes publicamos no final.

Não pôde assistir ao almoço, por motivos de força maior, o nosso querido camarada Norberto de Araujo, que enviou em carta o seu afectuoso cumprimento.

O almoço, esplendidamente servido pelo restaurante Roma, decorreu no meio de grande animação, e sempre com um espirito de camaradagem e de fraternidade jornalistica que muito nos apraz registar.

A certa altura, foi lida a numerosa correspondencia, que registamos no final da noticia. Pessoas de todas as categorias sociais e de todos os crédos politicos enviaram ao nosso querido camarada palavras de simpatia e de admiração que a assistencia sublinhou com fartos aplausos.

Aos brindes, usou da palavra o sr. dr. Joaquim Manso, que a assistencia recebeu com uma calorosa salva de palmas, e que pronunciou o seguinte discurso, cortado constantemente por aplausos vibrantes:

Fala o dr. Joaquim Manso

Meus senhores.—Esta festa a um jornalista que honra a sua profissão prova que nós temos um justo sentimento dos nossos direitos e dos nossos deveres.

O nosso direito essencial é este-servir a verdade, sem a sacrificarmos a um interesse ou paixão. O nosso dever essencial é este—servir a verdade, dando-lhe o fogo do nosso coração e a luz do nosso entendimento.

Na sua recente viagem a Espanha, Artur Portela, que eu tanto aprecio e estimo, pois ele está para com o «Diario de Lisboa» como a mocidade para o seu sonho, cumpriu exemplarmente a sua missão. Português, jornalista e republicano, bastou-lhe ser imparcial para não ter necessidade de se dividir em três tomos, fazendo três papeis diferentes.

Todos nós sabemos que a historia de Espanha não ha de ter como teatro o nosso Rossio. Decidam os espanhois o se destino, como melhor o entenderem. As nossas simpatias ou antipatias a tal respeito irão para quem melhor as merecer. Mas isto sem gritos nem alardes, que os portugueses, quando olham para além-fronteiras, devem, sobretudo, sentir-se unos, indivisos e soberanos.

Artur Portela, que põe um raro escrupulo no cultivo generoso e espiritual da sua juventude, ama a Patria e a Republica. A todos os camaradas que são sinceros e leais dá ardentemente o seu aplauso e a sua admiração.

Neste fraterno banquete que hoje lhe dedicamos, tão afectuosamente, não ha, pois, um pensamento que não seja nobre.

Os jornalistas, que espalham com mão prodiga os seus adjectivos, não podem recusar a um seu colega que não pratica a lisonja nem a mentira, e que tem talento, a sua devotada camaradagem.

Peço, pois, licença para abraçar em Artur Portela o profissional, o amigo e o companheiro que foi a Espanha e voltou com a alegria de não ter perdido no caminho —antes pelo contrario— nem a fé nem o patriotismo, o que já aconteceu a alguns patriotas inquietantes.

A assistencia sublinhou o discurso do sr. dr. Joaquim Manso com uma calorosa salva de palmas, envolvendo nos seus aplausos o nome de Artur Portela, que foi entusiasticamente vitoriado.

Um discurso vibrante

Falou em seguida o nosso presado camarada Amadeu de Freitas (filho), vibrante, moço e sincero, que proferiu um discurso vivamente aplaudido pela assistencia.

Amadeu de Freitas disse que não ia para ali salientar as qualidades de caracter e de inteligencia que distinguem Artur Portela, porque essas todos as conhecem.

Dirigindo-se a Artur Portela:

—Venho aqui, afirma com energia, protestar indignadamente contra as acusações tôrpes e injustas que te fôram feitas num impresso que circulou pelas ruas de Lisboa.

Sempre cortado por aplausos, censurou aqueles que tendo como lema a palavra Patria têm praticado á sombra dela as maiores vilanias. Marcou brilhantemente a posição dos promotores deste banquete, que não quizeram de modo algum significar outra coisa que não fôsse a admiração que o nome de Artur Portela lhes merece, sem pretender atacar outro camarada,

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

NO TEATRO AVENIDA

O desempenho do actor José Alves da Cunha no "Autoritario"

Alves da Cunha, o actor português de mais vibração dramatica, o mais forte, o de mais poderosa garra, reapareceu no Teatro Avenida, desta capital, que o tem visto interpretar as mais vigorosas produções do teatro contemporaneo, as mais recentes criações portuguesas e as melhores do teatro estrangeiro, nesta Lisboa que o tem aplaudido e o não dispensa de aqui fazer os seus maiores estágios.

Reapareceu Alves da Cunha com uma peça que corresponde á sua categoria e ao seu temperamento: «O Autoritario», de Henri Clérc, que o mestre de jornalismo e de teatro que é Avelino de Almeida traduziu maravilhosamente.

Vêr Alves da Cunha representar «O Autoritario» é disfrutar uma noite do melhor teatro, é admirar um dos melhores actores que têm existido em Portugal, é redimirmo-nos de muitos crimes de lesa-arte e é ganhar indulgencias para algumas noites de cinematografo...

E o exito de Alves da Cunha no Avenida, exito enorme de critica e de publico, foi completo. Exito de peça e de tradução, exito de protagonista e de todos os interpretes, porque as hostes de Alves da Cunha estiveram á altura do grande actor.

Berta de Bivar representou com arte e com elegancia, e com elegancia colaborou com Alves da Cunha, ensaiador, nos arranjos da scena. E, ao lado de Berta de Bivar, merecem elogio Elvira Velez e Laura Hirsch, duas actrizes conscienciosas.

Alves da Costa revelou-se um actor de futuro e manteve-se com brio a par de Alves da Cunha, contrascenando com o grande actor sem desfalecimentos, sem perda de prestigio no dificil confronto, sendo ainda digno de registo o trabalho honesto do seu colega Aurelio Ribeiro.

Referiu-se o critico dum dos jornais da manhã ás cabeleiras que Vitor Manuel compôs para «O Autoritario», e á justa referencia ao grande cabeleireiro português, que os proprios actores estrangeiros admiram, nos somamos gostosamenteo porque Vitor Manuel é um belo colaborador frequentemente esquecido.

E terminamos a referencia á peça e aos artistas que estão no Teatro Avenida, felicitando-os a todos e ao publico pela oportunidade de gosar tão autentico acontecimento teatral.—R.

No Teatro Apolo

Foi ha trinta e dois anos que Sarah Bernardt e Lucien Guitry criaram em França «Les mauvais bergers». Era uma peça audaciosa para o seu tempo, não pela factura, que é vulgar, mas sim pelos intuitos sociais que tinha em vista.

Volvida, porém, uma trintena de anos, sente-se que a peça envelheceu. As ideias criaram cabelos brancos.

Dizem-me que entre nós se fizeram varias tentativas para levar a famosa peça de Octave Mirbeua, sempre sem resultado.

Finalmente, passados tantos anos, a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo consegue pô-la em scena, não se poupando a dificuldades de montagem e a despesas de

(Vêr continuação na 12.ª pagina)

A PROPOSITO DUMA REPORTAGEM

O almoço de homenagem a Artur Portela

e os discursos

que ontem se proferiram

(Continuação da 7.ª página)

como certas pessoas malevolamente espalharam.

Fez justiça aos dotes de inteligencia e á lealdade profissional de Antonio Ferro, marcando apenas a sua discordancia com ele sob o ponto de vista politico.

—Não compreendo, em bôa verdade —disse a certa altura—como se pode ser avançado em Arte e retrogrado em politica; como se pode fazer jornalismo de vanguarda e ter ideias que já envelheceram sôbre sociologia.

Isso não impede, no entanto, que ele reconheça em Antonio Ferro grandes qualidades de jornalista, prestando inteira justiça ao seu talento.

Terminou fazendo um rasgado elogio de Artur Portela, provocando as suas ultimas palavras uma grande manifestação ao nosso querido camarada.

Usou depois da palavra o actor Carlos Leal, que recheou o seu discurso de bôa graça lusitana, afirmando que ia ali entregar a Artur Portela o ramo de oliveira, simbolo das bôas relações que infelizmente se haviam interrompido entre ambos e que naquela festa se tinham restabelecido com o seu maior agrado.

Terminou saudando Artur Portela e o «Diario de Lisboa», jornal cuja acção pôs em destaque por entre as manifestações da assistencia, que o aplaudiu com entusiasmo.

Fala Antonio Ferro

Levantou-se em seguida para falar o nosso presado camarada Antonio Ferro, cujo discurso era aguardado pela assistencia com vivo interesse.

Começou Antonio Ferro por dizer:

«Artur Portela: Reunião de jornalistas chamaram a este almoço nas colunas do seu jornal, «Banquete republicano», disseram uns... «Amizade e solidariedade», disseram outros... Portela! Sou jornalista, sou republicano, sou seu amigo! Tenho um lugar, portanto, nesta mesa, seja qual fôr o caracter deste almoço, e não abdico desse lugar e não o cêdo a ninguem!»

Historiou o que tem sido a camaradagem entre ele e Artur Portela para quem teve palavras do mais alto apreço e amizade, afirmando:

«Quando a camaradagem é assim compreenida, quando é assim vivida, não ha nada que a destrúa: nem reticencias, nem intrigas, nem invejas, nem calunias.»

Terminou por estas palavras que a assistencia aplaudiu demoradamente:

«Camaradas, camaradas como nunca, Portela! Que o nosso abraça paire sobre todas as paixões, sobre o rumôr das paixões... Sejamos camaradas, através de tudo e de todos! Será essa a nossa grande vitoria, a vitoria sobre os outros e sobre nós proprios, bem maior do que a historia efemera das nossas reportagens... Ha um sentimento maior do que o odio e a fé maior do que o amor: a amizade! Portela! Apertemos o nosso abraço e deixemos passar a caravana...»

Discursou depois eloquentemente o sr. dr. Orlando Marçal, que disse conhecer Artur Portela ha um periodo de tempo suficiente para poder apreciar as suas grandes qualidades de caracter, de inteligencia e de republicanismo. As suas ultimas palavras foram de justiça e de desagravo para o nosso querido camarada o que constituiu mais um pretexto para grandes manifestações.

Em nome do Sindicato dos Profissionais da Imprensa falou, seguidamente, o nosso distinto camarada sr. Cristovam Aires, que saudou Artur Portela em termos cativantes.

O discurso de Norberto Lopes

Falou em seguida o nosso querido camarada de redacção dr. Norberto Lopes, que pronunciou o seguinte discurso:

—E' consolador assistir a esta homenagem prestada a um jornalista que no curto praso duma semana conseguiu pôr os leitores do seu jornal a par duma situação politica que se nos afigurava bastante confusa e que, mercê da sua bela e inteligente reportagem, nos aparece clara como agua corrente.

Este e outros exemplos profissionais que me dispenso agora de apontar demonstram que a Imprensa portuguesa é servida por uma falange de «reporters» — e dentre eles destacamos hoje carinhosamente o nome de Artur Portela — que podem sem favor colocar-se ao lado dos melhores «globe-trotters» da Imprensa estrangeira, e aos quais falta apenas o hábito de viajar, o treino das reportagens de longo curso para que a sua forma se europeize e as suas qualidades de observação se agucem.

Infelizmente, a sorte nem sempre bafeja muitos dos nossos camaradas que obscuramente queimam o seu talento em reportagens anonimas, e a grande maioria dos nossos jornais tambem não vive em circunstancias desafogadas que lhe permitam dar aos seus redactores as asas indispensaveis para voar.

Reconhecemos, no entanto, que quando algum deles atravessa a fronteira e abre os seus olhos, cansados de contemplar o mesmo panorama para os novos horizontes que se lhe deparam acorda nele uma sensibilidade que estava, porventura, adormecida, um fôgo sagrado que esperava apenas um clima propicio para arder com uma chama mais intensa e mais bela, como sucede aos carburadores dos automoveis, que precisam de oxigenio para dar um rendimento maior.

A «teoria dos climas», que peço emprestada a André Maurois, tem tambem em jornalismo a sua justa aplicação. Não pode haver grandes «reporters» numa terra de pequenos acontecimentos. E, contudo, por um milagre de esfôrço e de talento, a Imprensa portuguesa pode orgulhar-se de contar entre os seus servidores alguns «reporters» que honram, como os melhores, a sua profissão.

Artur Portela, que o «Diario de Lisboa» em boa hora escolheu para acompanhar «in loco», durante uma semana, a actualidade politica espanhola, é sem duvida um deles.

Se o não tivesse já, o inquerito politico que realizou em Madrid conferia-lhe definitivamente um lugar de honra no jornalismo português.

Levantemos, portanto, a nossa taça para saudar nele uma geração de jornalistas que dobra a sua primeira dezena de anos de profissão, com o orgulho de ter cumprido sempre o seu dever, sem aceitar lições de dignidade ou de patriotismo, venham de onde vierem.

Stéphane Lausanne disse um dia: «Na oficina da Imprensa, a pena é a ferramenta que rende menos dinheiro». Aí está a razão porque sômos pobres. E se um dia tivermos a legitima ambição de exigir da Vida a comodidade que outros disfrutam, com menos direito — e até com menos vocação — não é a fazer inqueritos politicos em Madrid, nem a escrever «chás» de amor na rua Luz Soriano que isso se consegue.

Terminou brindando em nome dos seus camaradas do «Diario de Lisboa», á saude de Artur Portela.

Este discurso, que a assistencia sublinhou em varias passagens com fartos aplausos, marcou com grande acerto o ponto de vista profissional, sendo no final o nosso camarada objecto duma calorosa manifestação.

Finalmente, em palavras sobrias, mas cheias de sinceridade, os srs. drs. Feliciano Santos, Mario Monteiro e o nosso camarada Tomé Vieira traçaram o elogio de Artur Portela, sendo muito aclamados.

Fala Artur Portela

Artur Portela, dirigindo-se ao sr. dr. Joaquim Manso, iniciou assim o seu discurso:

Meus queridos amigos: — Nunca sofri de vertigens nem de alucinações de orgulho. A primeira verdade que o homem deve ter na vida, como lema e como expressão da sua inteligencia, é conhecer-se a si proprio. Sei quanto valho, que valho pouco, e que uma ou outra vez o meu trabalho, espontaneamente sincero e pouco brilhante, tem provocado um movimento de aplauso e de solidariedade. E' este o caso. Artur Portela, desculpem citar o meu nome, não teria existido, jornalisticamente, se não fosse o «Diario de Lisboa».

A ele devo tudo quanto sou. A ele devemos, meus camaradas desse jornal, o contacto directo com o publico e os muitos amigos com que contamos, e que nas horas decisivas de perigo e de combate, como esta, nos acompanham, alguns sacrificando as suas mais puras e intimas convicções.

Essa obra de revelação de jornalistas foi feita, pela primeira vez em Portugal, pelo sr. dr. Joaquim Manso.

E depois de se referir ao ambiente de simpatia e de camaradagem com que se trabalha no «Diario de Lisboa», Artur Portela prossegue:

— Quem me conhece, rebelde e inimigo de todas as hierarquias, pronto a cimentar todas as solidariedades, tomando o partido do mais fraco ou daqueles que a justiça abandona, sabe bem que sou incapaz duma lisonja. Não vejo no dr. Joaquim Manso o meu director, mas o homem que soube fazer, apagando propositadamente o seu altissimo valor, uma escola de jornalistas, inscrevendo como legenda no portico da nossa casa de trabalho: «A maior liberdade dentro da maior responsabilidade». Quero dizer com isto que o «Diario de Lisboa» — e não ponho aqui doutrina, mas apenas observação pessoal — é um diario nitidamente republicano, embora norteado por uma disciplina de pensamento que não consente odios a pessoas ou facções, nem tampouco se satisfaz com campanhas virulentas e soturnas contra os que desaparecem do tablado politico.

«Mas, meus amigos, chegou a hora de me defender. De vir, perante vós que me compreendeis, e que me ouvis com sinceridade, repudiar a calunia, a vilania, o labeu de mau português com que pretenderam agrilhoar-me ao altar da Patria, para que ela me escarrasse no rôsto, com repugnancia!

«Enquanto lá fora, em Espanha, eu trabalhava, trabalhava sempre, lutando contra essa tristeza de exilado, de desenraizado moral que me invade sempre quando passo a fronteira, melancolia ardente que se converte em pessimismo, em doença e em inacção — cá dentro, na minha terra, homens que manejam uma pena, e, portanto jornalistas, qualidade que não lhes nego apesar de inimigos, deturpavam, negavam e conspurcavam os meus pobres artigos de jornal.

Eu estava em jôgo, mas não era o alvo. O pobre rapazelho, com sangue na guelra, dementado pelo republicanismo, servia, mas não era tudo... Chegamos ao ponto capital!

A' explicação do curioso fenomeno, que me deixou surpreendido, porque o efeito não estava em proporção com a causa. Não é preciso estudar profundamente a politica internacional para se saber que qualquer acontecimento politico, sobretudo os que se registam nos paises de raiz latina, determina um reflexo, se não um paralelo nos outros. E, se esses acontecimentos têm por origem a mesma causa, desenvolvendo o mesmo estado latente de crise, a sua finalidade virtual ou total não pode deixar de ser identica.

«Eu fui a Espanha indagar da situação politica e mais nada. E' tão grande, sereno e forte o meu patriotismo, que nunca, absolutamente nunca, tive um receio ou uma duvida que se corporizasse numa pregunta jornalistica. Quando se crê em Deus, quando essa luz nos deslumbra e é total não se procuram, nem se admitem sombras. E' um caso de sentimento, e não de inteligencia, que não se deve pôr em equação, porque discutir possibilidades pode dar a impressão dum receio imoderado. Ha sonhos de pedra, pedra em ruina, que não se devem acordar!

«Foi por isso que nas minhas entrevistas de Espanha, eu nunca abordei o ponto de vista português em relação á futura Republica. Longe de mim andava e anda o sacrilegio duma federação iberica! Na entrevista de Lerroux, este, quando o meu camarada Novais Teixeira, que me acompanhava, lhe falou da organização do novo regime, e, depois de Portugal, sem qualquer ligação, — demonstrou e defendeu, com razões indiscutiveis, que a Espanha, cuja opinião publica em parte ele representa, respeita em absoluto a nossa independencia. Falava sinceramente, calorozamente. Não teve uma frase isolada. O seu pensamento alongou-se numa conversa amigavel, dizendo, a certa altura que, se Portugal quizesse se poderiam abolir as fronteiras alfandegarias entre os dois paises. Juro pela minha honra que foi isto que ouvi. Por minha culpa deu-se o lapso que tanta celeuma provocou em Lisboa. E explica-se: escrevendo á pressa, angustiado pela escassêz do tempo, fazendo o triplo do trabalho normal, não foi a minha memoria que me atraiçoou, mas a pena já cansada de escrever. Só dias depois li o «Diario de Lisboa». Imediatamente, pedi uma rectificação, não pela celeuma provocada, — ignorava-se, mas porque fôra involuntariamente injusto com Lerroux, atribuindo-lhe uma expressão que não ouvira. Tudo isto pode ser testemunhado pelo meu camarada Novais Teixeira, que pretendeu até, para desfazer o engano, escrever um artigo no «Diario de Noticias».

«A frase, porém, com que fechei a entrevista de Lerroux que, claramente, se referia á sua situação politica em Espanha, foi, por alguns considerada como a minha adesão a essa decantada abolição de fronteiras, que nunca chegou a existir na conversa que mantivemos. Os que me atacavam devem ter atingido, perfeitamente, o meu pensamento nessa frase tão discutida. Era a Lerroux republicano, á Republica espanhola desenhando-se no futuro que me referia. Mas convinha fazer a confusão, especular, denegrir o meu patriotismo. Apareceu, então, não sei se supostamente assinado pela Junta Escolar do Integralismo Lusitano, nas ruas da cidade,. um papel volante contra mim. Se fôram sinceros na sua indignação, perdôo-lhes as ofensas. O que não perdôo, como homem que tem exercido lealmente a sua profissão, é o terem continuado a campanha, tomando como pretexto esse lapso, depois de ter sido tão espontaneamente aclarado. Rectificações são de todos os dias, em todos os jornais.

«Já vai longo, e pouco jornalistico, este discurso. Desculpem todas as minhas ousadias. Os que não são do meu crédo politico absolvam com inteligencia e benevolencia as alusões que fiz. Lembrem-se apenas que através o homem, o jornalista foi atacado numa ideia e que ficaria de mal com a minha consciencia se a não defendesse. Faço justiça ao caracter dos que vieram aqui prestar-me apenas a sua solidariedade profissional, que fariam o mesmo em identicas circunstancias. Renovo, pois, o meu respeito ás suas convicções, que minhas não são. Ha um campo em que nos encontramos sempre: no da sinceridade. Quero agora agradecer aos que se reuniram aqui, não para uma homenagem pessoal, mas para um encontro de opiniões, de que fui, até certo ponto, um simbolo. Disso me orgulho! Lá fóra não trai a vossa ansiedade de cidadãos livres. Soube traduzi-la através de factos que o futuro ha de assinalar. A Republica tem vinte anos. Atingiu a sua maioridade. Não é um crime, pelo contrario, é um dever indeclinavel, defendê-la dando-lhe o nosso sangue e a nossa inteligencia, para que ela resplandeça, pura e brilhante de todas as sombras. Sei o que fiz e o que estais fazendo de imoderado á minha volta, para medir a distancia. Se este banquete, que não é contra ninguem, se realizou foi por uma traição de amisade. Não sou cabotino! A esses, como disse Camilo, espera-os no final da vida uma cadeira de rodas para cuidarem do reumatismo. Sentaram-se comigo nesta mesa, sem olharem para a minha pouca idade, sem repararem no pouco que valho, alguns nomes que me merecem a maior consideração, amigos pessoais e outros que puzeram de lado as suas opiniões, ouvindo-me com indulgencia. Muito obrigado a todos! Mas deixem-me tambem apertar fundamente ao peito, com as mesmas lagrimas de reconhecimento e adoração que eu teria para minha Mãe, aqueles de nome humilde, quasi desconhecido que aqui vieram.

Aos meus camaradas do «Diario Popular» e do «Povo», guarda avançada da imprensa republicana, nada lhes digo de especial, tão fraternalmente os amo. Eles sabem que podem contar comigo como eu conto com eles: sempre e através de tudo. Quero tambem expressar o meu reconhecimento a Pedro Bordallo, um «gentleman», e a Alfredo Vieira Pinto, um caracter, pela sua significativa amisade, e não pelos cargos que ocupam, na casa onde trabalho.

No «Diario de Lisboa» todos sômos irmãos. Temos nomes diferentes, mas o espirito é o mesmo. Mas ha um que seria injustiça não citar: o dr. Norberto Lopes, a quem devo metade do meu exito jornalistico, se exito foi.

«E agora, meus senhores, quero fazer a ultima afirmação. Que seja mais fundo o silencio. E' uma alma que vai falar. Já não está aqui o jornalista, mas o português obscuro, intransigente e altivamente português, que não aceita lições de patriotismo seja de quem fôr. E' ele quem vos pede, pronto ao sacrificio da sua vida pela Patria e pela ideia de Liberdade que defende que os aplausos que, decerto, a vossa generosidade lhe irá dispensar, se ergam bem calorosos e vibrantes, como uma humilde e votiva oferenda para esse monumento de eternidade, de sonho, de gloria, beijado pelo sol e pelas ondas, pelas lágrimas de todas as mulheres e pelo sangue dos nossos filhos, — que se chama «Portugal»!».

Uma longa salva de palmas sublinhou o discurso do nosso querido camarada, que foi constantemente cortado de aplausos e de «vivas» entusiasticos.

O banquete terminou cêrca das 16 horas, tendo deixado em todos uma esplendida impressão, pelas afirmações que se fizeram e pelo espirito de lealdade profissional que a ele presidiu.

A assistencia

Assistiram ao almoço, além das pessoas que já citámos, os srs. dr. Jorge de Faria, Ferreira de Castro, Augusto Ricardo, capitão Menezes Ferreira, Mario Neves, Alfredo Marques, David de Carvalho, Roberto Nobre, capitão João Mendonça, Nascimento Fernandes, dr. Santos Coelho, Guilherme Pereira de Carvalho, Mario Salgueiro, Edmundo de Oliveira, Eduardo Scarlatti, Paulo de Brito Aranha, José Malheiro, Julio Caiola, Francisco Valença, Serra Ribeiro, José Maria Ferreira, Luís Teixeira, José Nunes, Santos Vieira, Alvaro Canelas, Joaquim Almada, Samwell Denis, Seixas Pereira, José Gambôa, José Monteiro, Acurcio Cardoso, Abel de Andrade, Osorio de Oliveira, José Ribeiro dos Santos, Artur Inês, Rafael Marçal, Ferreira de Albuquerque, Cristiano Lima, Carlos Neves, Rosendo Silva, Vitor Lopes, Mario Duarte, Deolindo Marques e os nossos camaradas de redacção e administração Alvaro de Andrade, que representava o actor José Alves da Cunha, e o jornalista «Edurisa»; Aprigio Mafra, Carlos Ferrão, Carlos de Vasconcelos e Sá, Felix Correia, Manuel Nunes, Mauricio de Oliveira, Manzoni de Sequeira, Nobre Martins, Rogerio Pérez e Santos Jorge.

Por absoluta falta de espaço, só amanhã podemos dar a nota das pessoas que se associaram a este almoço de homenagem.

Pelo Porto

Ecos e comentarios

A Cidade

A antiga Praça de D. Pedro—velho extenso tablado de agitações populares, de fortes anseios de liberdade e de estuantes manifestações de idealismo— vai ser transformada dentro das actuais exigencias do transito e da vida citadina, cada vez mais intensa, mais populosa e mais frenesiada. As obras de transformação iniciaram-se agora— e bom será que não pequem pela morosidade, tanto em voga em trabalhos publicos, e que, dessa grande metamorfose, surda uma nova Praça, moderna, arejada, ampla, em que o transito de veículos, principalmente, não nos dê a impressão de que se atropelam uns aos outros.

Arte

O saudoso mestre de pintura Antonio José da Costa—pintor que marcou uma personalidade notabilissima, inconfundivel—teve no Salão Silva Porto uma brilhante homenagem postuma, em que foram prestadas as mais sentidas provas de saudade e admiração á sua memoria de artista consagrado e de homem de bem.

Promoveram essa justissima homenagem a Sociedade Nacional de Belas Artes do Porto e um grupo de amigos e admiradores do pranteado pintor— artista que deixa, num legado precioso, uma obra valiosissima que consagra um nome e enobrece artisticamente um país.

Antonio José da Costa — quasi um seculo de existencia alevantada e honesta, dedicada, em grande parte, ao culto fervoroso da sua arte de eleição—foi um pintor que vivia apenas para a belesa e para o espiritualismo dessa privilegiada arte, na qual transparecia a candura enternecida e lirica da sua alma serena e nobre. Foi um grande pintor—alheio, por completo, a exibicionismos e a manifestações de vaidade. Uma unica preocupação o dominava-a de dar á sua Arte a mais elevada expressão academica, interpretando-a, na maravilha das suas telas com um respeito que nunca foi excedido.

Paisagista precioso, retratista admiravel — como o atesta o excelente retrato de seu pai— Antonio José da Costa foi um grande pintor de flores e de frutos. A exposição postuma da sua obra—inaugurada e presentemente franqueada ao publico no Salão Silva Porto—é a mais bela e eloquente afirmação do seu talento.

O Salão Silva Porto parece um lindo horto em que as flores e os frutos marcam a sinfonia da côr, da frescura e da graciosidade. Por todos os lados se vêem flores, muitas flores— como uma primavera alacre, perfumada e vitoriosa, flores e frutos que parecem naturais e rescendentes de aroma, tal é a avassaladora fascinação que nos prende a eles — num encantamento que deleita as nossas pupilas. Os nossos olhos nunca se cansam de tanto admirar o milagre pictorico daquelas flores de encantar e daqueles frutos de apetecer...

Estas nossas palavras estão fóra de qualquer indole de critica—são, apenas, o nosso preito de saudade e admiração por uma prestigiosa individualidade de pintor. Mesmo as obras postumas de autores ilustres não se discutem— admiram-se religiosamente, com a mais penetrante e emotiva devoção.

A sessão de homenagem, realizada logo a seguir á inauguração da exposição, foi assás concorrida, vendo-se muitas senhoras, amadores de arte, escritores, jornalistas, artistas, representantes das autoridades e varias figuras de destaque no nosso meio. Discursaram os srs. drs. Leopoldo Mourão e Joaquim Madureira, que focaram, com enternecimento, Antonio José da Costa na sua dupla personalidade—de artista e de homem de bem.

Teatros

A Companhia Satanela-Amarante, desde o seu inicio de temporada no Sá da Bandeira, tem feito uma epoca de largo sucesso artistico e financeiro. As enchentes são consecutivas— como já ha muito se não topa, com tanta assiduidade e extraordinaria concorrencia, nos teatros citadinos. Não ha exagero nestas nossas palavras—elas são a pura expressão da verdade.

O Sá da Bandeira que, com a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, estava quasi abandonado pelo publico—recomeçou agora a ter as suas noites de triunfo.

A revista «O Tremoço Saloio»—que segue numa vitoriosa carreira—agradou em toda a linha, marcando mesmo um exito inusitado.

A riquesa e a bizarria da montagem e a scintilancia e alacridade da interpretação—na qual figuram no primeiro plano Luiza Satanela e Amarante—teem merecido da Imprensa e dos espectadores os mais francos e entusiasticos elogios.

EDURISA

Lingerie de luxo

Visite V. Ex.ª a secção de Lingerie de A POMPADOUR e examine os lindos e originais modelos de Parures, Camisas, Combinações, Camisas-calças, etc., em magnificos crepres de Chine e «satins» lavaveis.

PARURES COMPLETAS PARA NOIVAS

Preços de concorrencia

A Pompadour

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — CHIADO — 30

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

NOTAS SOBRE A ESPANHA

AS MODAS LITERARIAS

Como acontece em todos os países de civilisação ocidental, tambem em Espanha se produziu, depois da guerra europeia, uma modificação nos gôstos literarios, e igualmente se suscitam essas questões, que são eternas, referentes á necessidade de que os «velhos» sejam substituidos rapidamente pelos «jovens» legitimamente impacientes por se apoderarem dos postos que têm anexa a gloria, ou, pelo menos, a notoriedade, e os escassos emolumentos que produz o cultivo das letras. O leitor a quem interessem estes temas literarios, conhece já o sentido geral dessa revolução que fundamentalmente se refere ao modo de exprimir as ideias, os sentimentos e até os lampejos menos claros da intuição nessa especie de cadinho da personalidade que se chama o sub-consciente. Não é que os escritores jovens espanhois nem os estrangeiros pretendam descobrir verdades ineditas absolutas. A sua aspiração renovadora é mais modesta, e reduz-se a pôr em prosa ou em verso diferentes dos tradicionais, as que já conheciamos e que não é verosimil que se ampliem grande coisa. E como o processo de se exprimir em linguagem precisa, apropriada, exige, em primeiro lugar, certa aprendizagem e em segundo lugar não suscita no leitor estranheza alguma, decidiu-se chamar-lhe a atenção dirigindo-se a ele em diferentes estilos que coincidem em afastar-se da claridade e da precisão, de modo que a leitura o irrite, o surpreenda, o faça duvidar de si, e por essa reacção lhe seja dificil esquecer o autor que lhas produziu. Não é coisa de expôr aqui os nomes de todas essas escolas literarias; a sua enunciação seria tão prolixa como a de uma classificação entomologica. A sua caracteristica comum é afastar-se da lingua em que a generalidade dos humanos de cada país nos entendemos, não escolhendo um estrangeiro, mas empregando palavras vernaculas em forma de balbuceio e com aparente incongruencia, ou dando-lhes uma significação diferente da que têm na acepção vulgar ou escolhendo as que praticamente estão em desuso, ou empregando metaforas tão alambicadas e procurando entre as ideias associações tão forçadas e subtis, que o desentranhar um paragrafo ou uma estrofe resulte tarefa semelhante á de decifrar um hieroglifo.

Não é de agora esta aberração, ainda que se tenha difundido actualmente por esse mundo, como todas as modas literarias, pelo exemplo de Paris depois da guerra. Nos começos do seculo XVII, suscitaram em Espanha uma moda identica. D. Luis Carrilho y Sotomayor, que era oficial da Marinha Real e homem culto, e por sua morte D. Luís de Góngora. Tão certo isto é que a juventude que professa isso a que poderiamos chamar o Hermetismo, glorificou o ultimo como seu legitimo precursor ou ascendente. Porque tambem Góngora e Sottomayor gostaram de produzir em linguagem nebulosa e sibilina, e em termos de tão comico pedantismo que nos manuais para uso docente era costume serem citados como exemplos de obscuridade e de mau gosto. O publico, ante uma inovação como esta, que afinal é uma novidade de ha seculos, reacciona de duas formas. A grande maioria ignora os que se entretêm nesse trabalho que pela sua propria natureza está condenado ao isolamento. Mas uma minoria que, ainda que se creia elegante, e ás vezes o seja, enferma da inferioridade intelectual de o concertar em materia de distinção ou de vulgaridade, adscreve-se a essas relativas novidades, não porque intimamente lhe agradem ou lhe interessem, mas pela simples razão de que, fazendo assim, se considera diferente do vulgo e portanto superior a ele. Ser distinto ou diferente é facil. Basta proceder de modo extravagante. Ser superior é já outra historia. E muito diferente. Tanto que se pode afirmar que nenhuma superioridade se revelou jámais pelo caminho do estapafurdio, contra o que parece crer essa minoria. Nem ha arte literaria que se afaste do humano sem se condenar á esterilidade e ao esquecimento.

E' claro que os que cultivam essa modalidade da literatura, ainda que não façam declaração politica alguma nem pareçam interessar-se pelas questões de ordem social do nosso tempo, adoptam intimamente uma atitude democratica. O facto de se supôrem melhores do que o resto dos seus concidadãos, não pelo nascimento, nem para a sua aptidão para o heroismo, nem pela beleza fisica ou a presteza intelectual, mas por certa destreza na arte de alinhar os vocabulos ou de os combinar de modo funambulesco, reveste-os aos seus olhos, de uma excelencia singular, dá-lhes a condição de homens «selectos», e portanto uma superioridade indiscutivel sôbre os seus contemporaneos. Mas como essa superioridade não lhes é espontaneamente reconhecida pelos outros, visto que teria de nascer da admiração que inspirassem, e esta não pode surgir entre o publico que nem os compreende nem aspira a compreendê-los —o seu aristocratismo, ou condição de «selectos» são qualidades que eles proprios se atribuem e em que ha que acreditar sob a sua palavra, por um acto de fé, como sucede com as verdades religiosas. A exposição dessa atitude jactanciosa, tão distante da lhaneza que Cervantes aconselhava, é sintomatica do espirito que anima os que a adoptam. E com efeito, os mais sinceros declaram-se fascistas. E os mais cautos encontram-se ante a contradição que representa desdenhar as maiorias quando se trata de criar beleza e de comunica-la em roda do artista, e ao mesmo tempo aparentar interessar-se por elas quanto aos outros fins da vida.

Por isso, salvo excepções contadas, a literatura novissima é coisa de filhos de familias remediadas, modalidade do que, empregando um termo popular em Espanha, denominamos «senhoritismo», expressão diferente da de «senhoria». O senhoritismo é a condição do mancebo que encontra tudo disposto como deseja, mercê da legislação vigente em materia de sucessões, para viver segundo o seu capricho sem necessidade de trabalhar a sério. O sr. Ortega y Gasset definiu recentemente este personagem pouco simpatico numa magistral, ainda que sumaria, definição do «senhorito satisfeito». Pois isso de tomar a arte literaria como um brinquedo, como um entretenimento burlesco, afastando dela voluntariamente as multidões, e, portanto, segundo a expressão do proprio Ortega y Gasset, desumanisando-a, é o tipico do senhorito, para quem toda a vida é brinquedo. E nem sequer a desumanisação da arte plastica é nova. Tem antecedentes remotos, precisamente no Oriente. O arabesco é a sua expressão mais concreta. Arte que foge da vida e que tem de reproduzir as suas formas, cai na secura inexpressiva. Pois essa literatura que foge da geral compreensão humana, como se reagisse contra a doutrina de Terencio, está condenada á mesma limitação da arte decorativa arabe que desperta a nossa curiosidade visual, mas que deixa intactas as nossas faculdades emotivas.

A imensa maioria do publico espanhol permanece alheio, totalmente indiferente a esses jogos verbais ou escritos, e continua, como em toda a parte, fiel aos prosadores e aos poetas capazes de lhe falarem em idioma compreensivel, e de alumiar, com a lampada da sua intuição, as zonas mais profundas da vida psiquica. Poucas vezes têm existido tantos que, como agora, tenham o senhorio da lingua espanhola, e a utilisem como instrumento de expressão flexivel e preciso. Não vale a pena citar nomes; incorreriamos, sem querer, em omissões injustas. Basta indicar ao leitor estrangeiro que, não obstante essas modas literarias, triviais como todas as modas, e ruidosas, como todos os movimentos que procuram no estrondo a notoriedade que não podem conseguir doutro modo, o panorama das letras espanholas contemporaneas abunda em prosadores e poetas que, seguindo a norma marcada, por um dos antecessores, voluntariamente acata a disciplina que ordena «pensar alto, sentir fundo e falar claro».

JUAN PUJOL.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias—Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas—Telefone 5205 N.

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

P. dos Restauradores, 48, 1.º

Telef. 2756 T.

Estudantes

O caso da Federação Academica

Como delegado que fui á Federação Academica e como estudante que sou da Universidade de Lisboa, julgo necessario bordar alguns comentarios ás afirmações que o presidente da direcção daquele organismo insere no «Diario de Lisboa» de 10 de Março.

A F. A. L., aparecida no nosso meio academico, em 1913, foi acolhida com o entusiasmo natural de uma novidade e a perspectiva de futuras realizações por todos aqueles estudantes que julgavam resolver assim o seu problema associativo.

Infelizmente, passado este periodo de organização, começou a tratar de questões as mais variadas, estranhas á vida escolar, e por infelicidade dela, não consegue registar no seu activo qualquer cometimento que a impuzesse á consideração geral.

Estou convencido que o obstaculo principal é a sua propria organização que ainda hoje se mantém e a deve levar a enterrar.

Os estudantes de medicina, principalmente nos dois ultimos anos, começaram a ser absolutamente contrários á orientação da F. A. L. em virtude de se ter radicado no seu criterio a inutilidade completa dum organismo para que tinham entrado na esperança de, pela fôrça da união, alguma coisa de util conseguirem para os estudantes lisboetas.

A atenção para com o dr. Luis Soeiro, meu ex-colega e então presidente da direcção da Federação, foi o facto que contrabalançou a vontade firme de desfederação no ano de 28-29.

Estas são as causas sucintas e remotas da atitude que a medicina este ano tomou.

A causa proxima filia-se na aprovação, por maioria, de um requerimento dum delegado de Direito que, por ser contrario á vontade e á propria dignidade dos delegados de Medicina, os levou a abandonarem os trabalhos da Federação.

Mas, não é só Medicina que está absolutamente contra a decrepita federação. Ao seu lado estão a E. S. C. que este ano não enviou delegados e a Faculdade de Farmacia que, me consta, está a tratar do caso no sentido de tambem se desfederar.

Estas são pois as causas de desfederação por parte da Medicina que julgo repôr e esclarecem completamente o assunto.

Ha, depois, a parte de referencias pessoais que não pode passar sem reparo, por um motivo fundamentalmente de justiça e muita consideração que os visados me merecem.

Não é verdade que o colega França Martins, presidente de uma direcção a que pertenci e a que a noticia se refere, estivesse a tratar quaisquer assuntos academicos juntamente com a Federação.

Ao colega Pedroso de Lima, de quem estou afastado no campo ideologico, e tão mal tratado tem sido, até pela sua Associação que nele teve um representante dignissimo, de modo a impô-la brilhantemente no nosso meio academico, eu quero prestar a justiça devida, pedindo-lhe conte com o meu protesto.

Quais as causas da desconfiança dos alunos do I. S. C. ao seu delegado, que sempre ocupou na Federação um papel de bastante relêvo?

Oposição inteligente e por isso absolutamente necessaria á Direcção da Federação.

Finalmente, o protesto que endereço ao sr. Presidente da Direcção da F. A. L., que dá bem a idéia do modo como são por ele julgadas as questões de cultura e respeitante á sua afirmação de ha dias, rubricando de imoral o facto da I. E. N. ter subsidiado com 6.500$00 a excursão dos Quintanistas de Medicina a Madrid, em virtude de ser por sua excelencia considerada como uma simples viajata de recreio e parodia.

Elucidativo e edificante!

Sôbre o que foi a F. A. L. só ha que escrever. — R. I. P. — De v., etc., R. Henriques Leitão.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Faz-se publico que no dia 19 do corrente, pelas 14 horas e 30 minutos, se procederá ao sorteio das obrigações da 1.ª série—«Mirandela-Vizeu»—na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 18, 3.º.

Lisboa, 14 de Março de 1930.—O Administrador Delegado, *Pedro Joyce Diniz.*

CAXIAS-LAVEIRAS

Francisco Martins

FALECEU

José Martins, Albertina Martins, Francisco Martins Junior, Joaquim Martins (ausente) sua mulher e mais familia participam ás pessoas da sua amizade e relações que foi Deus servido chamar á sua Divina presença seu muito querido e sempre chorado Pai, Sogro e Irmão, e que o seu funeral se realizará ámanhã, 18, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da sua residencia, em Laveiras, para o cemiterio de Oeiras.

P. N. A. M.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,30—«O Café do Felisberto».—«Almas de mulher».
Trindade—A's 20,30 e 22,30—«Feira da Luz».
Ginnasio—A's 21,30—Festa do actor Silvestre Alegrim—«O homem das 5 horas»—Fim de festa.
Avenida—A's 21,30—«O autoritario».
Apolo—As 21,30—«Os maus pastores».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«O Zé Povinho».
Coliseu dos Recreios—As 21—Nova companhia de circo

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Central Cinema—A's 21.
Cinema Condes—A's 21.
Chiado Terrasse—A's 21.
Odeon—A's 21.
Royal Cine, Rua da Graça. 100—A's 21,
Zoi (Parque Mayer)—A's 15 e 21—Variedades.
Salão Ideal—A s 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.
Eden Cinema—R. Alvito, Alcantara.

Dancing's

Maxim's—Baile e Variedades.
Bristol Club—Baile e Variedades.

TEATRO DA TRINDADE

A's 8 1|2 e 10 1|2 Duas sessões
Companhia Hortense Luz
de que faz parte o actor Nascimento Fernandes
A monumental e gloriosa revista
FEIRA DA LUZ
Numeros novos

TEATRO AVENIDA

Tel. T. 5356—HOJE—A's 9 1/2 h.
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
A notavel e maravilhosa peça
O AUTORITARIO
Criação formidavel do grande artista
Alves da Cunha
Grandioso exito da actualidade

TEATRO APOLO

Telef. N. 4129—HOJE—A's 9 e meia
O grande monumental sucesso da
Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo
A representação do drama social, em 3 actos e 5 quadros, original de OCTAVE MIRBEAU, tradução de ACURCIO PEREIRA
OS MAUS PASTORES

Curandra remedio allemão garantido nas blenorragias agudas e cronicas.

O represent. Karl Schunck, R. S. Julião, 72, 2.º, dá informações e indica medicos para casos antigos e graves.

Companhia de Seguros Fidelidade

S. A. R. L.
Capital 1.344 contos
SÉDE—Largo do Corpo Santo, 13, 1.º

O pagamento do dividendo do exercicio de 1929 terá logar de 17 a 20 do corrente, das 11 ás 14 horas, e depois em todas as quintas-feiras á mesma hora.

Lisboa, 15 de Março de 1930.

Os Directores

(a) *Caetano da Silva Pestana*
(a) *Manoel de Campos Ferreira Lima*

A sorte grande

ou os seus premios imediatos

são sempre vendidos na antiga e conceituada casa D. E. Gouveia & Silva, Sucessores **MANUEL ALVES DA SILVA NEVES.** Tem á venda para todas as lotarias bilhetes e fracções aos melhores preços do mercado. Envia listas a todos os compradores. Compra e vende papeis de credito. Coupons, moedas nacionais e estrangeiras e trata da renovação de Bilhetes de Tesouro. Consultem sempre a

CASA
D. E. GOUVEIA & SILVA
84, R. da Assunção, 86
(Proximo á R. do Ouro)

Aos Arquitectos Portugueses

A Comissão de Iniciativa do Concelho de Cascais faz publico que está aberto concurso pelo praso de sessenta dias, para a apresentação de projectos de embelezamento e remodelação das escadas que da estação do Monte Estoril dão acesso á estrada nacional e de uma passagem inferior em relação ao caminho de ferro para ligação do largo da estação á praia do Monte Estoril.

As condições do concurso estão patentes na séde da mesma Comissão, á Avenida Saboia, Monte Estoril, onde poderão ser consultadas todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Monte Estoril, 15 de Março de 1930.

Pela Comissão de Iniciativa do Concelho de Cascais

O Presidente

(a) *Augusto Cesar Claro da Rica*

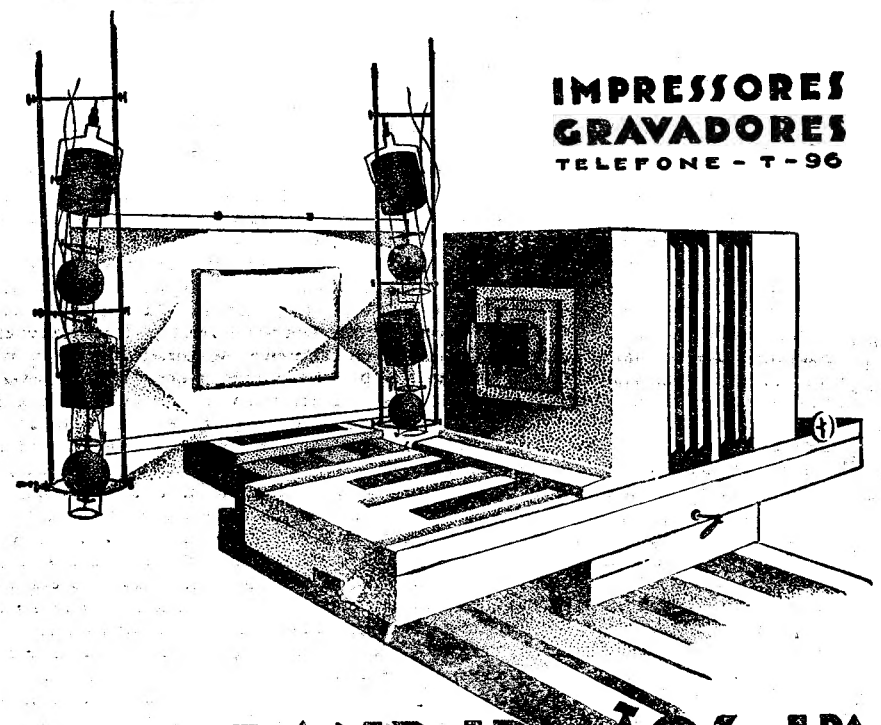
CUF — O cigarro da élite

EXPERIMENTAR E USAR

O melhor cigarro á venda em Portugal

20 cigarros, 22 gramas.... Esc. 3$00

Cigarro grosso. Paladar dos cigarros americanos



IMPRESSORES GRAVADORES
TELEFONE - T - 96

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRICROMIA — FOTOGRAVURA — ZINCOGRAFIA — DESENHO

SECÇÃO ESPECIAL DE GRAVURA PARA JORNAIS

Trabalhos Tipográficos

Composição Mecânica e Impressão de Catálogos, Revistas, Postais, etc., etc.

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Confortaveis
Género "Maple" forrados em pele, etc.

MOBILIAS

Grande sortido de
CARPETES
— a preços baratissimos

ARMAZENS OLAIO
RUA DA ATALAIA, 36 a 40
Telef. Trindade 307

Premios maiores da lotaria de sabado

1.º Premio 2249.. 400 contos
(Este numero não foi vendido nesta casa)
2.º Premio 956.. 40 contos
(Em vigesimos)
3.º Premio 6491.. 10 contos
(Em vigesimos)

Mais alguns numeros premiados vendidos nesta casa como sejam

6203 com 1.000$00
6947 com 1.000$00
(Bilhete inteiro n.º certo nesta casa)
2009 com 1.160$00
(Parte do Bilhete)
5898 com 2.000$00
(Bilhete inteiro n.º certo desta casa todo vendido em vigesimos)
5397 com 2.000$00
(Bilhete inteiro n.º certo desta casa todo vendido em vigesimos)
3223 com 2.000$00
(Bilhete inteiro n.º certo desta casa todo vendido em vigesimos)
2979 com 1.160$00

Além destes muitos mais premios de valor esta casa vendeu como seja o 2258 com 720$00 e mais 22 premios da centena com 400$00, além de muitos outros de menor valor.

A 22 e 29: 1.º Premio 400 Contos

Bilhetes a 180$00, Vigesimos a 9$00, Quadragesimos a 5$00.
Pelo correio mais 1$00 Pedidos a

José Pedro
173, Rua Arco Bandeira, 173 Telefone T. 1768
Felicidade. sempre Felicidade a quem jogar nesta casa

PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA—Rocio. 56. 57. 58

Campião & C.ª

Rua do Amparo, 116
LISBOA

2249.....	400.000$000
2248.....	3.100$00
2250.....	3.100$00
3921.....	2.000$00

Estes são os premios maiores vendidos nesta casa na extração do dia 15 de Março.

Proximas extrações
22 e 29 de Março
400.000$00
14 de Junho
3:000.000$00
Pedidos aos cambistas
Campião & C.ª

MADAME
Deseja trazer o cabelo bem cortado e ondulado?
Visitae o **Golden Palace**
Praça dos Restauradores, 11, s|l—Tel. T. 3115

ESTRANGEIRO

BEBA
SALUS (VIDAGO)
A MELHOR AGUA MINERAL

REVISTA DAS REVISTAS

A SEMANA Internacional

POLITICA

Londres e Genebra

A Conferencia de Londres redunda num fracasso. As cinco altas potencias contractantes não conseguem chegar a um acôrdo sôbre a delicada questão do desarmamento naval. A imprensa já não toma a sério as diligencias dos delegados plenipotenciarios. A opinião publica desinteressa-se. Os proprios conferentes perderam o entusiasmo, a convicção das primeiras sessões, anunciando um proximo encerramento de trabalhos, e insinuando que tudo voltará ao *statu quo*...

Alguns procuram armar em profetas... retrospectivos. Briand declarou á imprensa: «Tudo o que aqui se passa é perfeitamente normal e não ultrapassa os limites do que podia prevêr-se». De resto, não nos custa acreditar que os enviados diplomaticos soubessem de antemão a inutilidade de semelhante tentativa. E os respectivos Estados vão limitar-se a incluir as despesas de representação numa rubrica particular do livro Razão... de Estado: Publicidade Pseudo-Pacifista...

Alguns jornalistas de pulso dão na Conferencia as ultimas estocadas. Na *Revue des Vivants*, além dum artigo scéptico-demolidor de René Cassin sôbre a situação politica na Europa, Henri de Jouvenel publica um espirituoso «Léxico para compreender a Conferencia Naval», de que recortamos algumas definições graciosas:

«*Barco:* (Vêr *Conferencia*)

«*Conferencia:* (Vêr *Barco*)

«*Desarmamento:* Unico assunto que é proibido tratar na Conferencia Naval.

«*Esquadra:* Conjunto decorativo para revistas navais.

«*Estados Unidos:* Grande Nação que não perdôa á Europa tê-la descoberto.

«*Govêrno:* Aparelho para conferencias internacionais.

«*Grã-Bretanha:* Vasto Imperio de quatrocentos milhões de homens que, no dominio das responsabilidades, reclama a paridade com a Suiça.

«*Liberdade dos mares:* Liberdade que os Estados Unidos têm de dispôr dos Oceanos.

«*Quadratura do circulo:* O assunto da proxima conferencia.

«*X:* ou o futuro da redução dos armamentos depois da Conferencia Naval».

Henry de Jouvenal poderia assinar apenas — Juvenal.

Ao mesmo tempo, em Genebra decorre a Conferencia Aduaneira. Como a de Londres, visa oficialmente um fim simpatico: a pacificação do mundo. Porque se os armamentos preparavam a guerra, o aumento continuo das tarifas alfandegarias levantaria os povos uns contra os outros. Mas os resultados colhidos nas margens do Leman anunciam-se tão negativos como os que se colhem nas margens do Tamisa.

Monde, que tem a previsão facil e segura, resume assim a disposição comum dos delegados: «Cada potencia fecha-se no seu nacionalismo, denuncia as tarifas dos outros, pretende legitimar as suas, e recusa-se, em suma, a modificar seja no que fôr a ordem existente».

Enquanto os homens se limitarem a exigir, sem nunca conceder, — será sempre assim.

Ainda Masaryk

Na sua interessante rublica «La Valise Entr'ouverte», a revista *L'Europe Nouvelle* revela-nos um novo aspecto do Professor Thomas Garrigue Masaryk, de que a Tchecoslovaquia festejou, como noticiámos, o octogésimo aniversario:

«O presidente Masaryk — diz-nos o atilado jornalista que usa por pseudonimo «O Diplomata Errante» — não é apenas o campião da independencia tcheca. E' tambem um apóstolo do eslavismo, da união fraternal dos povos eslavos. E é acima de tudo um excelente Europeu».

R. N. Coudenov Kalengi escreve, algures:

«Por maior que seja o amor pelo seu povo, Masaryk está acima das nações e é, no verdadeiro sentido da palavra, um Europeu. Como ninguem, reune em si as culturas eslava, romana e anglo-saxónica. Do lado materno, tem sangue alemão nas veias; estudou filosofia na Universidade de Viena... Combateu o calvinismo tcheco, o que lhe trouxe muitos dissabores, com tanta fôrça como combateu o calvinismo alemão.

«Masaryk é um pan-europeu convicto. O seu maior desejo é vêr uma nova Europa unificada. Concebeu a Petit-Entente como um germen donde deveriam saír mais tarde os Estados Unidos da Europa. Hoje a Europa é uma comunidade de sofrimentos; ámanhã será talvez uma comunidade de trabalho».

Em *Grigoire*, Raymond Recouly traça um flagrante retrato do venerando estadista, ilustrado por uma caricatura feliz de Roger Roy.

LETRAS

Ainda "Hernani"

Para juntar aos artigos que comentámos na ultima semana sôbre a estreia ruidosa de «Hernani», assinalemos um documentado estudo de Pierre Viguié inserido no *Mercure de France* de 1 de Março: «A primeira Dona Sol: Mademoiselle Mars». Nele se trata mais particularmente a relutancia, a que nos referimos, da famosa actriz em declamar os alexandrinos revolucionarios de Victor Hugo. Deve notar-se a variante homófona que Pierre Viguié atribui á impertinente modificação do verso do *lion*. Em vez de

Vous êtes mon seigneur superbe et généreux

Virgué afirma ter sido

Vous êtes, monseigneur, superbe et généreux.

E atribui a Hugo esta *boutade:*

— Gosto mais de ser assobiado por um bom verso do que aplaudido por um mau.

Aproveitamos o ensejo para corrigir uma gralha lamentavel que na ultima página deturpou uma transcrição: no lugar de *dérobé*, apareceu um inconcebivel *déboré* de que não sômos responsaveis.

Aluguer de livros

Na revista inglesa *Publishers Weekly*, Ruth Brown Park faz uma interessantissima descrição duma grande biblioteca de Londres, cidade onde o aluguer de livros atingiu um desenvolvimento sem igual, mesmo nos Estados Unidos.

No rez-do-chão, uma grande livraria para a venda de livros: quatro grandes divisões para as novidades e duas para as ocasiões.

No primeiro andar, a biblioteca; tantas salas quantas as letras do alfabeto, para que cada cliente saiba imediatamente onde deve dirigir-se, segundo a letra por que começa o seu apelido.

O preço de assinatura varia conforme o numero de volumes que se deseja alugar de cada vez: cêrca de duzentos escudos anuais por um volume, quatrocentos por dois volumes, seiscentos por três.

Tendo pago essa cotização, o cliente adquire o direito de levar para casa qualquer livro existente no comercio inglês, livro que lhe é fornecido dentro do praso maximo de 24 horas a contar da hora da encomenda.

A variedade das obras em deposito é consideravel. Ruth Brown Park verificou que a secção de «horticultura» compreendia mais de 200 titulos; a secção de «variedades» continha 4.000 livros na sala destinada ao publico e outros 14.000 na cave. Os livros em voga são depositados em grande numero de exemplares: 200 exemplares dum romance é uma quantidade habitual .O director dessa biblioteca chegou a encomendar e distribuir 4.000 exemplares dum livro de Galsworthy!

Em vez de prejudicar o comercio livreiro, estas bibliotecas asseguram aos editores uma saída certa e importante das suas edições.

ARTE

Leonardo

Não. Não foi ao enciclopedico pintor da Renascença italiana, sábio e artista admiravel cuja homonimia ofusca o nosso pseudonimo, mas sim á personagem bem portuguesa a que Rodrigues Lobo chama Leonardo, em «A Côrte na Aldeia», que fômos buscar o nome com que assinamos estas linhas. Até nos «Lusiadas» encontramos um Leonardo, «soldado bem disposto» que justificaria a nossa escolha.

Isso não nos impede porém a nós, Leonardo, de venerarmos como um Deus esse Leonardo imenso, nascido em Vinci, cuja «Ceia» nos deslumbrou, iluminando-nos com a sua frescura radiosa, celestial, quando a contemplámos em Milão, apodrecendo numa sacristia humida e velhinha.

Elogiemos pois o belo entusiasmo de Eugenio Montes pelo Mestre, espelhado grandiloquentemente nas páginas, bastas vezes rebarbativas, de *La Gaceta Literaria*, no seu artigo «Leonardo, o la encrucijada».

Montes justifica assím o seu titulo:

«Na histiria da pintura, Mantegna, Velásquez, Rafael, Zurbarán, são caminhos. São caminhos porque são direcções para a parcialidade. Leonardo não é, pelo contrario, um caminho. Não é um caminho porque é o ponto de encontro de muitos caminhos. Porque é uma encruzilhada multipla. Porque é o mais apaixonante anhelo de totalidade. Se és pintor — portanto, fatalmente, um parcial — segue pelo caminho imperial — para guardas nobres do Papa — pelo caminho romano de Mantegna, ou pelo caminho real — para uso de delfins — de Velásquez, ou pelo caminho celeste — para uso de querubins — de Rafael, ou pelo caminho, atalho de meseta — para pastores de altiplanice — de Zurbarán. Mas se não és pintor, mas sim ideólogo, se em parcialidades não te afanas e antes aspiras á totalidade, coloca-te nessa encruzilhada por excelencia, encruzilhada por antonomásia, encruzilhada perante o Altissimo, que é Leonardo».

A proposito do estudo «Leonard et les philosophes», publicado no livro de Leo Ferrero «Léonard de Vinci ou l'Oeuvre d'Art», Eugenio Montes julga com desassombro Paul Valery:

«Leonardo é uma encruzilhada, mas Valéry é um labirinto. Como Fichte, o poeta francês pertence á felizmente escassa raça dos escolásticos obscuros. E' pois um homem que falta á sua obrigação, já que o escolástico tem o dever de ser claro, como o mistico tem o dever de ser obscuro. Valéry não é um mistico. Uma cálida propensão para a clareza une-se nele, desconcertantemente, a uma incrivel incapacidade para encontrar palavras lucidas. Valéry é um sacerdote das luzes, mas convida-nos sempre a turvas missas negras».

SCIENCIA

As teorias fisicas

Nos seus numeros 4 e 5 deste ano, correspondentes a 22 de Fevereiro e 8 de Março, a *Revue Scientifique Illustré* publicou integralmente o texto duma leitura feita na Academia das Sciencias de Paris em 16 de Dezembro de 1929 pelo professor Emile Picard, membro da Academia Francesa e secretario perpétuo daquela Academia.

Na impossibilidade de transcrever mais largamente esse notavel estudo, intitulado «Un Coup d'Oeil sur l'Histoire des Sciences et des Théories Physiques», julgamos poder dar uma ideia do seu interesse transcrevendo o sumario: «Introdução. J—Egito e Caldeia. II — O Fisicos da Zónia. III — A Escola Pitagorica. IV — Platão, Eudóxio e Aristóteles. V — A sciencia grega nos três ultimos seculos antes da nossa Era. VI — Os primeiros seculos da Era Cristã, a Idade-Média e a Renascença. VII — Huyghens e Newton. VIII — As teorias da luz no seculo XVII. IX — De Newton a Fresnel e Maxwell. X — O ponto de vista energético. XI — As transformações da Teoria da Luz. XII — O contínuo e o descontínuo. XIII — Diversas opiniões sôbre o objecto das teorias scientificas. Conclusões».

Os professores de filosofia dos nossos liceus teriam a maior vantagem em compulsar esse excelente trabalho, levando-o ao conhecimento dos seus alunos.

Para que possa avaliar-se o espirito lucido e conhecedor de Emile Picard, leia-se a sua conclusão final:

«Buffon gostava de repetir: «Reunamos factos para ter ideias». Eu acrescentarei: «Com essas ideias, procuremos edificar teorias que nos permitam prever novos factos; é esse, em resumo, o ciclo do conhecimento scientifico».

LEONARDO

Exposição de Sevilha

A' Foto Luzitana, do Parque Mayer, foi conferida a Medalha de Ouro da Exposição Ibero-Americana, a mais alta distinção dada a fotografia, em Portugal.

Felicitamos, pois, o sr. José Henriques, seu proprietario.

DINHEIRO { EMPRESTIMOS S| PENHORES às mais vantajosas avaliações
Joias — Salvas de Prata — Papeis de credito — Automoveis — Maquinas — Pianos — Louças — Vidros — Objectos d'arte — Roupas de casa — Fazendas e quaesquer outros objectos que offereçam garantia.
A MERCANTIL R. Fanqueiros, 366, 1.° Tel. TRIND. 2209

ALVAIADE
ELEFANTE
A MELHOR MARCA

Dr. Tedeschi Neves
ASMA E BRONQUITES
Novo tratamento de resultados rapidos.
R. da Prata, 166, 2.° — Das 12 ás 16

Joaquim Antonio de Bastos Silva

Agradecimento e missa do 30.° dia

A sua familia agradece a todos os seus amigos e pessoas das suas relações, que se interessaram durante a sua doença e a acompanharam neste tão doloroso transe, e participa que manda rezar uma missa por seu sufragio, no dia 19, ás 12 horas, na Egreja da Madalena.

ODEON Colossal Sucesso
O grande super-filme de arte
IDOLATRIA
A engraçadissima comedia
O Contrapeso da familia

ULTIMAS NOTICIAS

GARAGE AGUIA D'OURO
Avenida Cinco de Outubro, 125
Telefone N. 5832
Aberta toda a noite Estação de serviço
Gasolina, oleos e pneus. Completo sortido de acessorios e peças sobrecelentes
Secções de: mecanica, casquinheiro, electricidade e pintura

REGIONALISMO

A justa homenagem do concelho de Sintra a Alberto Tota

(Continuação da 6.ª pagina)

Rodrigues, que falou secundando as palavras de todos os oradores.

A certa altura, seguidas de enorme multidão, entraram em casa do sr. Alberto Tota as crianças da bela Escola Primaria Oficial das Azenhas do Mar, com a sua professora, tendo um aluno lido, comovidamente, uma mensagem, pedindo ao iniciador e protector da Escola que a não abandone. Foi este um dos momentos mais emotivos da manifestação de ontem.

A «Renascença Grafica» e o «Diario de Lisboa», que conta o sr. Alberto Tota no numero dos seus mais queridos e dilectos amigos, estavam pepresentados pelo sr. dr. Joaquim Manso, Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro.

O sr. Alberto Tota, finalmente, agradeceu a cada uma das muitas pessoas que ali fôram no intuito de manter a unidade do concelho, e a obra regionalista comum a todos, a sua presença, dizendo que a circunstancia de se encontrarem bastante doentes sua mulher e sua mãe e alguns desgostos que o têem atormentado nos ultimos dias lhe não permitiam traduzir a sua gratidão, por aquela manifestação, que não esperava, e que prova que o concelho de Sintra em pêso está unido á roda da ideia de bem servir a região, fóra de outras preocupações que não sejam o progresso local, a satisfação das necessidades morais e materiais do concelho, a assistencia, o ensino, o progresso, o bem publico.

Sintra—disse—está no seu coração; sempre a servirá com a mesma isenção politica e com o exemplo de nobreza moral que lhe vem dos seus amigos. Em qualquer posição se serve uma ideia patriotica e um pensamento regionalista, que une os homens e harmonisa a vida.

As atitudes dos manifestantes não o surpreendem, porque conhece ha muito os seus caracteres, mas salientou, num abraço comovido, os srs. Conde de Sucena, dr. Brandão de Vasconcelos, coronel Alfredo de Albuquerque, comandante Barros Queirós, representante de um grande nome, e que de crédos politicos tão diferentes ali oferecem publicamente um grande testemunho de fé e de nobreza.

O sr. Alberto Tota, entre aclamações e lagrimas, foi abraçado então por centenas de pessoas. Era já noite quando a «Vivenda Rafaela», que assim se chama a casa daquele nosso ilustre amigo, pôde ficar entregue á tranquilidade familiar.

Germano Torrado da Silva

FALECEU

A firma Manuel da Silva Torrado & C.ª (Irmãos), L.ª, participa aos seus amigos o falecimento em Castelo Branco do seu estremoso ex-socio Germano Torrado da Silva, pai, irmão e tio dos actuais socios e que por este motivo se encontram os seus estabelecimentos fechados até amanhã, 18 do corrente.

A DITADURA ESPANHOLA

Como foi recebida em Madrid a noticia da morte de Primo de Rivera

(Continuação da 6.ª pagina)

saída das sessões teatrais da tarde de ontem, tendo causado a maior e mais profunda impressão.

Iniciou-se imediatamente uma verdadeira romaria para a casa onde residia o antigo presidente do govêrno e onde se encontravam o seu filho mais velho e irmã, sendo rapidamente preenchidas todas as listas ali colocadas, e figurando nelas a assinatura do sr. embaixador de Portugal.

Hoje, á tarde, reunirá o conselho de ministros para tratar dos funerais, que devem realizar-se com a maior solenidade, sendo prestadas honras de capitão-general com comando de praça, as maximas, que são devidas a um militar.

Esta manhã publicou-se apenas «El Noticiero del Lunes» que, entre outras provas de sentimento pela morte do pacificador de Marrocos, publica algumas palavras de muito pesar do general Berenguer, pelo falecimento do seu grande amigo.

O corpo do que foi grande patriota, só amanhã, terça feira, sairá de Paris, tendo o govêrno autorisado o general Sanjurgo, director geral da Guarda Civil e dilecto amigo do extinto, a ir a Paris acompanhado dos oficiais que serviram ás ordens do general Primo de Rivera, tenentes Monis e La Cueva.

A noticia pela T. S. F.

Os amadores da T. S. F. fôram os primeiros a conhecer em Madrid a noticia da morte do general Primo deRivera, transmitida pela estação emissora de Toulouse.

Afonso XIII recebeu a má nova quando se preparava para ir assistir ás corridas de cavalos, do que desistiu imediatamente. No Hipodromo da Castellana já se encontrava a Infanta D. Isabel que, informada da morte do Marquês de Estella, se retirou profundamente penalisada.

Na Imprensa francesa

«L'Intransigeant» publicára dias antes da morte do desterrado em Paris a seguinte carta dirigida ao seu director:

«Monsieur Leon Bailby: — Amigo do grande povo francês, e actualmente seu hospede, confesso-me muito sensibilizado pelas suas desgraças; o meu desejo é demonstrá-lo, mais que pela importancia do donativo, pela sua expontaneidade.

Sirva-se aceitar, com estes dois mil francos para as vitimas das inundações, a segurança da minha mais afectuosa consideração. — *Primo de Rivera*».

O mesmo jornal diz hoje que Primo de Rivera se impuzera em Paris pela sua simpatia e afabilidade.

«Le Petit Journal» diz que a ditadura de Primo de Rivera foi uma ditadura bem humorada e que o antigo chefe do govêrno soube liquidar felizmente a aventura de Marrocos, melhorando a situação social da Espanha.

«Le Petit Parisien» diz que a ditadura espanhola se manteve sem violencias e que a opinião publica não sentiu a queda dos politicos.

«Le Journal» lembra que Primo de Rivera foi fiel á França nas horas indecisas da Grande Guerra; e «Eco de Paris» diz que com Primo de Rivera desaparece um dos maiores vultos espanhois de ha um século para cá.

A trasladação da urna

MADRID, 17—*(Pelo telefone)*—O cadaver de Primo de Rivera sai esta noite de Paris.

Por ordem do govêrno espanhol será a urna acompanhada até á fronteira pelos srs. D. Quiñones de Leon e tenente-coronel D. Juan Almuzara, respectivamente embaixador e adido militar espanhois em França.

Os funerais realizam-se em Madrid na quarta-feira.

O conselho de ministros está reunido a fim de deliberar sôbre as honras que serão prestadas ao antigo chefe do govêrno.—(E,)

Viajantes

Encontra-se entre nós, devendo demorar-se uns dias em Lisboa, após uma digressão por Evora, Tomar, Coimbra e outras terras, o sr. Carl Robertson, director do jornal americano «Cleveland Plain Dealer».

Este grande amigo de Portugal, que pela terceira vez nos visita, tendo publicado artigos notaveis sôbre o nosso pais, tem sido um entusiastico divulgador das nossas belesas entre os seus compatriotas.

— Esteve de passagem em Lisboa, sir Felix Schuster, governador do National & Provincial Bank, de Londres, que em companhia do sr. H. Hinton visitou alguns dos nossos mais interessantes monumentos.

Sir Felix Schuster é um dos maiores banqueiros ingleses, — e o National & Provincial Bank faz parte do consorcio dos «big-six»-consorcio dos seis maiores bancos do mundo.

BEBAM as aguas de:
VIDAGO (1 e 2), PEDRAS SALGADAS, MELGAÇO E SABROSO
premiadas com a Medalha de Ouro na Exposição de Barcelona
ultimamente realisada
Pedidos a
VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS
PORTO: Rua da Cancela Velha, 29 — Telef. 391
LISBOA: Aven. da Liberdade, 132 — Telef. T. 4296
Entregas imediatas ao domicilio

MONUMENTAL CLUB
Hoje — Colossal sucesso do notavel bailarino HARRY FLEMMING
e da sua extraordinaria "troupe"

REPRESENTAÇÕES

A peça de Mirbeau «Os maus pastores» no Teatro Apolo

(Continuação da 6.ª pagina)

figuração, para que o seu louvavel esforço resulte o melhor possivel.

«Os maus pastores», na versão portuguesa de Acurcio Pereira, que mantem através da sua tradução toda a belesa literaria do original, constitui, ainda mesmo com todas as dificiencias que se lhe possam apontar, um espectaculo curioso e digno de ser admirado, que revive uma epoca de teatro tão do gosto das plateias do velho «Principe Real».

Discordamos apenas de certos exageros scenograficos da montagem, dos quais se pretendeu tirar um efeito que não existe nas proprias rubricas da peça. Senão vejamos. Primeiro acto. Diz o original: «Interior dum bairro operario. Porta ao fundo, entre duas grandes janelas, através das quais *se distingue vagamente* a fabrica, com as suas chaminés, as suas construções pesadas, toda uma cidade negra, febril e sinistra...»

Ora, na montagem portuguesa, aparecem mesmo em cima duma casa de habitação duas enormes chaminés a vomitar labaredas do papel de seda. E é o que lhes vale, porque, se não fosse assim, toda aquela gente morria assada...

No 5.º acto, procurou-se o mesmo efeito, — e repetiu-se o mesmo erro — colocando em segundo plano a fabrica incendiada, numa visão scenografica que deixa bastante a desejar. Ora, diz a rubrica da peça, em resumo, que a acção decorre numa praça publica, defendida por uma grade — e do outro lado da praça, uma rua que se prolonga a perder de vista, *ao fundo da qual se distingue a fabrica incendiada e ainda fumegante...*

Estas ligeiras observações não pretendem de modo algum diminuir o esfôrço notavel e o consagrado engenho que mestre Antonio Pinheiro pôs na montagem da peça.

«Os maus pastores» pode não constituir um espectaculo para as classes cultas, mas é incontestavelmente uma grande peça para as plateias populares, que fica muitissimo bem no cartaz do Teatro Apolo.

O desempenho conseguiu ser equilibrado, e algumas vezes brilhante, por parte das primeiras figuras. Ester Leão pôs no papel de «Madalena» toda a sua grande alma de artista, dando-nos tão bem a humildade e a resignação do 1.º acto como o fôgo da paixão que a transfigura nos ultimos actos.

Sofia Santos representou impecavelmente. Criou um tipo, modelou uma figura.

Deolinda de Sousa teria acertado, se representasse o seu papel com mais naturalidade e menos enfase.

Alexandre de Azevedo compôs admiravelmente o seu tipo de velho industrial, mantendo sempre na altura requerida o tom da representação.

Antonio Pinheiro fez bem em representar. Sente-se através do seu desempenho um actor de boa escola. Excelente máscara. O seu velho «Thieux» é, sem duvida, uma criação.

Abilio Alves fez o «Jean Roule» com uma grande vontade de acertar. A sua mocidade vibrante conseguiu algumas vezes vencer as tremendas dificuldades do papel.

Alfredo Ruas, que é um actor cheio de talento, nem sempre esteve á vontade dentro do seu «Robert Hargand».

Os restantes deram, como lhes foi possivel, a sua quota parte de esfôrço.

A peça de Octave Mirbeau tem todas as condições para fazer uma brilhante carreira no Apolo. Assim o esperamos. Mais: assim o desejamos.

INTERIM